Cristãos na Ciência

BOLETIM - ANO 04 - NÚMERO 2 - NOVEMBRO/2018

Hoje já são 50 grupos de estudo pelo Brasil.

ABC²-H

Diálogo & Antítese

Textos fundamentais em religião e ciências humanas

ABC² Humanidades lança série de artigos.

Pastores e ABC² caminhando juntos!

EDITORIAL

O final de 2018 se aproxima e completamos mais um ano de projeto da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. Nada melhor que relembrar as atividades e o esforço em manter o diálogo sincero entre Fé Cristã e Ciência no Brasil reunindo todos os momentos especiais em um conteúdo substancial e verdadeiro.

A edição deste boletim revela alegria e gratidão pelas atividades realizdas pelo projeto ABC². Ele traz artigos sobre temas significativos, dados das atividades realizadas nos dois últimos anos deste projeto e muitas novidades. Percebemos grandes conquistas, sendo a maior delas os encontros com pessoas que têm se unido a nós nessa caminhada, nos apoiando e enriquecendo nosso trabalho.

Desde os primórdios da terra, o homem se lançou em uma incansável jornada para a descoberta do "ser". O filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard afirmou "Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo. E aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio". Tal aventura da tomada de discernimento, de entendimento das estruturas universais, se mostra clara ao trazer diferentes campos de conhecimento em união – as perguntas existenciais e da fé, tanto quanto as pesquisas e certificações científicas.

A busca por compreensão da realidade, a percepção de um propósito baseado na perfeição e no amor de Deus em todos os detalhes de seus feitos nos impulsiona a continuar, amadurecer e encontrar a riqueza que o encontro entre fé cristã e ciência nos proporciona. Não desistiremos.

Reconhecemos o poderio de Cristo e assim acreditamos que podemos transformar os grandes produtores de leitura da realidade - os pensadores "abaixo da linha do desespero", que separam realidade de fé, como diria filósofo Franscis Shaeffer. E isso só pode ser alcançado com comunhão.

Somos muitos! Poderíamos citar números, mas eles não abrangem a totalidade do sentimento que temos ao ver o que estamos nos tornando – uma rede de cristãos engajados no campo científico, acadêmico e eclesiástico. Esperamos, como associação, que cada evento, livro, material e empreitada, seja um movimento em direção a vocês: seja em um novo olhar para a ciência, seja no trabalho, ou até mesmo na simples leitura de um livro. Nosso objetivo é servir quem nos confiou a esta tarefa.

Convidamos vocês a continuar conosco essa caminhada e confererir as novidades sobre a ABC². "Ordem e ontigência", é o artigo escrito pelo presidente da associação, Roberto Covolan; apresentamos a recapitulação dos últimos dois anos de projeto; e ainda, o "texto Conselho aos filósofos cristãos", por Alvin Plantinga, estreando nossa série de artigos em Humanidades.

Aproveitem!

FAÇA CONTATO:
(31) 3019-7884
cristaosnaciencia.org.br
Facebook.com/cristaosnaciencia
Instagram.com/cristaosnaciencia
Aplicativo (Android e Apple): Cristãos na Ciência

ORDEM E CONTINGÊNCIA:
fundamentos da ciência que só Deus explica

por Roberto Covolan

Tempos atrás, iniciei o meu primeiro editorial neste Boletim com o seguinte comentário: "*Talvez hoje mais do que nunca, o conhecimento científico de ponta mais facilmente nos aproxime do mistério. Contraditório? Só os ingênuos e os presumidos podem imaginar que a ciência explique todas as coisas. Cada avanço científico significativo abre imensas fronteiras para a vastidão do desconhecido*."[1] Sempre tive para mim que começamos efetivamente a conhecer algo quando conseguimos dimensionar, com alguma chance de acerto, o tamanho da nossa ignorância em relação a esse algo.

Especificamente neste sentido e tendo em vista a citação anterior, podemos afirmar que o avanço no conhecimento científico gera ignorância crescente. Creio que isto nunca foi tão verdade quanto agora, dadas as descobertas recentes feitas pela cosmologia e a astrofísica de que apenas 4% do universo é formado de matéria ordinária (dita matéria bariônica visível); o restante é composto das chamadas matéria escura e energia escura, que ninguém sabe o que é. Nossa ignorância, neste caso, corresponde à constituição de 96% do universo. O que, segundo o critério exposto acima, já significa algum conhecimento, pois temos uma boa dimensão do que ignoramos.

Contudo, o assunto que gostaria de tratar aqui desta vez não se refere propriamente à ignorância do que é passível de conhecimento científico, mas aos fundamentos mesmos disto que chamamos ciência.

1. O Mistério da Ciência

O fazer científico consiste, em grande parte, no manejo conceitual e/ou instrumental de certos procedimentos técnicos, conceituais e metodológicos, cujos fundamentos extrapolam a própria ciência, mas que na prática científica cotidiana raramente são reconhecidos como tal. O usual é que a prática científica transcorra sem maiores reflexões por parte de quem faz ciência quanto aos pressupostos implícitos nesta atividade. Paul Davies, um físico teórico renomado, faz uma confissão explícita sobre isso, até com certa candura:

> *Aprendi ciência como um conjunto de procedimentos que revelaria como a natureza funciona, mas nunca questionei por que fomos capazes de fazer essa coisa chamada ciência com tanto sucesso. Foi somente depois de uma longa carreira de pesquisa e estudos que comecei a apreciar quão profundo é o conhecimento científico e quão incrivelmente privilegiados somos nós, seres humanos, por sermos capazes de desvendar os segredos da natureza de maneira tão poderosa.* [2]

É interessante observar que, mesmo para um cientista maduro como Davies, ao mesmo tempo em que o fazer científico revela cada vez mais a respeito do mundo, há algo fundamental que permanece oculto: aquilo mesmo que possibilita a própria ciência, a inteligibilidade do universo. É bem conhecida a frase de Albert Einstein, segundo a qual: "*O eterno mistério do mundo é a sua compreensibilidade... O fato de [o mundo] ser compreensível é um milagre*"[3] . É surpreendente que alguém com a autoridade acadêmico-científica de Einstein descreva a capacidade cognitiva que temos em relação ao mundo como resultante de um *milagre*. Embora se possa compreender que, muito provavelmente, ele estaria usando uma linguagem metafórica, ainda assim, Einstein nos alerta para fato de que, não obstante a imediatez com que esta capacidade se apresenta, trata-se de algo que está longe de ser trivial. Ou, por outra, trata-se de uma faculdade trivial em sua manifestação, mas transcendente em sua natureza.

Assim, para avançar um pouco mais nesta questão, precisamos reconhecer que a possibilidade de se fazer ciência é algo que está diretamente ligado a dois aspectos que vão muito além da própria ciência e que escapam ao seu alcance: 1) a constatação de que há racionalidade inerente aos processos naturais e 2) o caráter contingente da natureza. Trataremos brevemente de cada um desses pontos na sequência.

O primeiro ponto é algo que tenho tratado com certa insistência, mas ao qual preciso voltar aqui. Está intimamente relacionado ao fato de que o conhecimento científico pode ser expresso na forma de leis que governam a dinâmica dos processos naturais e que, por isso mesmo, são chamadas de leis naturais. Há o fato adicional de que, nas ciências mais básicas (tipicamente, na física), estas leis podem ser expressas através de uma formulação matemática. Na prática científica

cotidiana, esses fatos são tomados corriqueiramente como dados *a priori*, óbvios em si mesmos e que, portanto, não demandam qualquer sustentação prévia.

Precisamos, porém, reconhecer que não há nenhuma razão *a priori* para que o mundo seja assim. O físico teórico húngaro-americano Eugene Wigner, ganhador do prêmio Nobel de física de 1963, deu a esta questão o status devido num artigo de 1960[4] ao enfatizar que "*a enorme aplicabilidade da matemática nas ciências naturais é algo que beira o mistério e não há nenhuma explicação racional para isso*." Mais adiante, no mesmo trabalho, Wigner complementa: "*A discussão anterior destina-se a lembrar, em primeiro lugar, que não é nada natural que existam 'leis da natureza', e é muito menos natural ainda que o homem seja capaz de descobri-las*." Wigner expressa com outras palavras a mesma perplexidade de Einstein quanto ao misterioso fato de os processos naturais terem um caráter de racionalidade, que, por conta de um mistério maior ainda, pode ser acessada pela nossa inteligência.

Para Owen Gingerich, astrofísico e ex-professor da Harvard University, a compreensão desses aspectos misteriosos acerca do universo demandam uma visão de mundo que extrapola os alcances limitados da ciência:

> *"A crença na existência de profundas leis ontológicas implica em um salto de fé. A ciência, na medida em que assume a realidade das leis matemáticas, opera segundo uma tácita suposição teísta a respeito da natureza do universo."* [5]

O pensamento de Gingerich ressoa o que diz a teologia cristã, pois esta permite uma perspectiva intelectual inteiramente satisfatória do universo e uma visão integradora entre fé e ciência ao propor que, em última análise, as leis da natureza refletem a racionalidade e a criatividade do Criador. A inteligibilidade do universo, por sua vez, além deste mesmo aspecto, reflete também o fato de termos sidos criados à imagem e semelhança de Deus, segundo as Escrituras.

O segundo ponto, mencionado acima, refere-se ao caráter contingente da natureza. Contingência aqui significa que a criação não é auto-originária, não é autônoma, nem autossustentável. Ela foi criada por Deus e depende dele continuamente. Por outro lado, Deus não atua no mundo através de milagres contínuos. Ele criou uma rede de causas secundárias (leis naturais) que atuam de forma regular e consistente. Ou seja, a criação tem uma ordem real, promovida por leis naturais, mas que está condicionada pela maneira específica como esta criação foi constituída. Uma expressão usada pelo teólogo protestante escocês Thomas Torrance para designar isso é *ordem contingente*. Torrance articula esses dois aspectos, ordem e contingência, dizendo que:

> *"A contingência da criação, que deriva de Deus, está inseparavelmente ligada à sua ordem, pois é o produto não apenas de sua vontade todo-poderosa, mas de sua razão eterna. Portanto, não é apenas a matéria do universo que surge do nada, mas também sua forma, pois sob a criatividade racional de Deus matéria e forma se fundem indivisivelmente desde o início. Não há contingência sem ordem e nem ordem sem contingência, pois a contingência é inerentemente ordenada e a ordem é essencialmente contingente."* [6]

Este caráter contingente da criação tem consequências importantes, muito presentes no debate científico da atualidade, mais especificamente no campo da cosmologia. Estas consequências serão exploradas um pouco mais adiante. Por ora, não podemos deixar escapar uma implicação fundamental, decorrente do que foi dito acima. O chamado método científico, procedimento que gradualmente emerge e se estabelece como central na fundação da ciência moderna, está diretamente relacionado ao fato de a natureza ser constituída como ordem contingente. A linha de conexão entre uma coisa e outra é bem resumida numa afirmação do teólogo escocês John Baillie: "*Embora tudo na natureza siga um padrão racional e, portanto, seja, em princípio, inteligível por nós, não podemos saber a priori qual padrão racional* [a natureza] *irá seguir.*" [7] Se isto é assim, é necessário então que a ciência não seja um empreendimento conduzido tão somente pelo uso da razão, mas requer experimentação, observação cuidadosa e exame minucioso das informações e dados auferidos. Evidentemente, ciência não se resume a mero empirismo, mas demanda profundo envolvimento com a realidade concreta no que esta possui de mais sutil e abscôndito.

Assim, o fato de o universo ter sido constituído de uma forma específica, contingente, implica que o conhecimento sobre sua natureza requer que se interaja com ele de forma inteligente e criativa, pelo emprego de metodologia experimental e observacional. Deriva daí o fato de que a ciência é essencialmente experimental, no seguinte sentido: ideias e teorias sobre como funciona a natureza só se sustentam quando corroboradas por dados experimentais ou observacionais. Sem a devida sustentação experimental, ideias e conceitos, por mais brilhante que sejam, não passam de mera especulação. Ou, na melhor das hipóteses, hipóteses. Esta exigência decorre da ordem contingente que organiza o universo. Mas, como se caracteriza esta ordem contingente?

2. Sintonia Fina e Princípio Antrópico

> "*O que realmente me interessa é saber se Deus poderia ter criado o mundo de uma maneira diferente; em outras palavras, se a exigência de simplicidade lógica admite uma margem de liberdade*."[8]

A despeito da plausibilidade filosófica da dúvida de Einstein, a teologia cristã certamente não alimenta hesitações quanto a Deus poder ter criado o mundo diferentemente do que, de fato, é, já que, de acordo com esta teologia, qualquer forma de existência decorre da sua soberana vontade, a qual não deriva de nenhuma necessidade, nem está condicionada a nada. Ao contrário, o Logos divino é quem estabelece os padrões vigentes na ordem contingente sobre a qual falamos há pouco.

Tendo isto em mente, é interessante observar que o quadro atual revelado pela ciência quanto à estrutura e dinâmica do universo apresenta evidências de que o mundo foi feito para abrigar vida em algum momento de sua história. Isto soa

como o óbvio ululante, pois estamos aqui, observando e analisando este universo, mas esta constatação chocou a ciência do século XX. O físico teórico britânico Freeman Dyson expressou este fato de maneira curiosa: "*Quando olhamos para o universo e identificamos os muitos acidentes da física e da astronomia que atuaram juntos em nosso benefício, quase parece que o universo soubesse que estávamos chegando*."[9]

Os "acidentes da física e da astronomia" a que Dyson se refere correspondem, na verdade, ao ajuste perfeito de todas as condições que governam a dinâmica do universo, numa sintonia notável e imprescindível para que a vida possa existir. Este quadro de coisas é frequentemente referido na literatura como "ajuste fino" ou "sintonia fina" (*fine tuning*) do universo. Isto porque, para se explicar o estado atual do universo, os principais modelos cosmológicos exigem que as leis naturais, as constantes físicas da natureza e o estado inicial do universo tenham valores extremamente precisos.

Porém, mais do que o controle preciso da realidade física, o universo como um todo parece perfeitamente ajustado para a existência de vida. Esta constatação é frequentemente expressa através do chamado *princípio antrópico*. Esta expressão, princípio antrópico, foi cunhada pelo físico teórico Brandon Carter, que a empregou em um simpósio de 1973, realizado em Cracóvia, para celebrar os 500 anos do nascimento de Nicolau Copérnico.

Muitos consideram que, ao propor o sistema heliocêntrico, Copérnico houvesse retirado o ser humano da posição privilegiada de "centro do universo". Curiosamente, num evento em homenagem ao próprio Copérnico, de certa forma, o homem volta a ocupar posição de elevado destaque. Nas palavras de Carter: "*Embora nossa situação não seja necessariamente central, ela é inevitavelmente privilegiada até certo ponto*."[10] Desde este evento em Cracóvia, as discussões em torno do princípio antrópico (às vezes, na forma de acesas controvérsias) entraram em definitivo para a pauta das grandes questões cosmológicas, tendo recebido, em meados da década de 1980, um importante impulso para sua disseminação através da obra enciclopédica (de 700 páginas) de Barrow e Tipler, *The Anthropic Cosmological Principle*.[11]

A sintonia fina do universo é frequentemente expressa em termos da precisão de um certo conjunto de parâmetros, que podem variar desde as seis constantes necessárias para a vida existir, segundo o renomado cosmólogo e astrofísico britânico Martin Rees [12], até as 140 características do cosmos que devem estar dentro de certos limites estreitos para tornar a vida possível, conforme proposto pelo também astrofísico Hugh Ross[13]. Como uma discussão extensa deste tópico vai além das pretensões do presente artigo, vou me restringir aqui a um breve comentário sobre as forças fundamentais da natureza.

Todas as forças que operam no cosmos, no final das contas, se resumem às quatro interações fundamentais conhecidas na natureza: as forças gravitacional e eletromagnética, que possuem longo alcance, de forma que seus efeitos são percebidos em nossa vida cotidiana, e as forças nucleares forte e fraca, que atuam em nível subatômico e governam as reações nucleares. Há especulações quanto à existência de uma quinta força, mas sem qualquer comprovação até o momento. A força gravitacional é atribuída à curvatura do espaço-tempo, descrita pela teoria da relatividade geral, de Albert Einstein. As outras três são campos quânticos discretos, que funcionam como mediadores nas interações entre as partículas elementares (quarks e léptons) descritas pelo chamado Modelo Padrão.

É importante notar como a atuação combinada dessas forças permite que a matéria se estruture a partir de seus componentes mais fundamentais. A ação das forças nucleares forte e fraca sobre prótons e nêutrons permite a formação de núcleos atômicos. Estas são forças de curtíssimo alcance, que não se estendem para muito além do raio de um próton, o que acaba por estabelecer as dimensões dos núcleos atômicos. Estes, através da força eletromagnética, capturam elétrons, dando origem a átomos que vão se ligar formando moléculas que, por sua vez, constituem a base de todas as substâncias e materiais. No nível macroscópico de extensões astronômicas, é a força gravitacional que dá estrutura a todo o cosmos. Dessa maneira, é possível vislumbrar como o macrocosmo e o microcosmo se conectam a partir das forças estruturantes que atuam no nível subatômico.

O que tem fascinado os cientistas da atualidade é como os aspectos quantitativos dessas forças, seu alcance, sua intensidade relativa e seus mecanismos de ação se combinam precisamente às demais características que elas possuem para moldar a realidade física. Quando consideramos, por exemplo, o que acontece no interior das estrelas, a forma como essas quatro forças atuam em concerto, de maneira convergente, para que as estrelas tenham a conformação que têm e, sobretudo, para que se estabeleçam em seu interior as cadeias de reações nucleares que lá ocorrem, gerando, a partir de prótons e nêutrons, toda a sequência de elementos químicos que constam da Tabela Periódica[14], fica patente (ao menos, para mim) o caráter direcional que este complexo de processos apresenta no sentido de gerar os substratos básicos para a constituição da realidade física.

Correndo o risco de sintetizar demais, se poderia dizer que as estrelas são "engenhos cósmicos" cuja *finalidade* é produzir matéria e energia. Ou seja, a impressão que se tem é que há um propósito engenhosamente tramado, subjacente às leis naturais que governam esses processos, tendo em vista os produtos que elas geram e que são utilizados como substratos para se produzir substâncias cada vez mais complexas, chegando-se eventualmente aos compostos orgânicos, essenciais à existência de vida.

As cadeias de reações nucleares que se dão no interior de uma estrela são demais intrincadas para serem tratadas aqui, mas gostaria de mencionar um episódio de particular interesse para a questão da sintonia fina.

Os compostos orgânicos, fundamentais para a existência de vida, são essencialmente compostos de carbono, elemento químico cujas propriedades especiais permitem a formação destes compostos. Por certo tempo, houve uma grande questão quanto à formação do carbono, pois não se podia compreender como seria possível a sua formação no interior das estrelas. A forma como se esperava que isso acontecesse era através de uma reação nuclear conhecida como processo triplo-alfa. Este processo se inicia quando duas partículas alfa (núcleos de hélio) se fundem para formar um núcleo de berílio e, numa segunda etapa, este berílio se funde com ou-

tra partícula alfa formando o carbono. Embora fosse este o entendimento teórico do processo, havia um grande empecilho para que esta sequência toda de reações acontecesse, pois o berílio é extremamente instável e se desintegra após um infinitésimo de segundo após sua formação. Em decorrência disso, não haveria tempo hábil para se dar a segunda etapa do processo, levando à formação do carbono. A existência do carbono (e dos demais elementos) constituía, então, um verdadeiro enigma.

Fred Hoyle, um astrônomo britânico pioneiro no estudo de nucleossíntese estelar, propôs que, para o processo triplo-alfa se dar, deveria existir uma "ressonância"[15] na reação alfa -berílio para um nível de energia muito preciso. As maiores autoridades científicas neste assunto à época foram categóricas em afirmar que esta ressonância não existia. Contudo, quando estudos mais detalhados foram realizados, constatou-se que a tal ressonância existia exatamente na faixa de energia prevista por Hoyle. Este fato singular (a existência desta ressonância em condições muito precisas) permitia, assim, a existência do carbono e, portanto, de compostos orgânicos e, enfim, da vida. Na esteira desta mesma linha de raciocínio, foi possível compreender também a síntese alfa-carbono, que permite a formação de oxigênio, outro elemento fundamental à vida.

Estas descobertas causaram grande impacto, mesmo em um ateu obstinado e estridente em seu ateísmo como era Fred Hoyle. Em artigo publicado no início da década de 1980, ele escreveu:

> *"Se você quisesse produzir carbono e oxigênio em quantidades aproximadamente iguais através da nucleossíntese estelar, estes são os únicos dois níveis [de energia] que você teria que fixar e sua fixação teria que ser exatamente onde estes níveis são realmente encontrados. [...] A interpretação de senso comum desses fatos sugere que um superintelecto brincou com a física, assim como com a química e a biologia, e não há forças cegas na natureza que valha a pena discutir."*[16]

Vemos, assim, Hoyle (repito, um ateu obstinado) admitindo uma suposta misteriosa "intencionalidade" por trás de processos naturais, que são fundamentais para a existência do universo e para a nossa existência física.

Resumindo, pode-se constatar que não há apenas racionalidade nas leis que governam os processos naturais, mas há também coerência, congruência e convergência nas propriedades e características dos entes interagentes, assim como na forma como estas interações são governadas por diferentes dinâmicas, que operam em concerto para resultar naquilo que constitui a realidade física em que estamos imersos.
Esta constatação nos coloca em contato direto com a ideia de ordem contingente, mencionada no início, para a qual não há uma explicação científica. E nem pode haver. Nas palavras de Thomas Torrance (e, com isso, concluo):

> *Evidentemente, a ciência deve assumir concepções e princípios que não são logicamente deriváveis, explicáveis ou prováveis, mas sem os quais ela não poderia funcionar. Contingência e ordem são pressupostos desse tipo, nós não os derivamos das ciências naturais, mas sim de uma perspectiva fundamental sobre a natureza do universo que é o correlato de uma doutrina especial de Deus como o Criador do universo.*[17]

REFERÊNCIAS:

1 Roberto Covolan, *Davi, Einstein e os mistérios da natureza* (Boletim no. 1 da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência, Setembro/2015).

2 Paul Davies, *The Appearance of Design in Physics and Cosmology, in God and Design*, ed. Neil A. Manson (New York: Routledge, 2003), p. 147.

3 Albert Einstein, *Physics and Reality* (Journal of the Franklin Institute, March 1936).

4 Eugene P. Wigner, *The unreasonable effectiveness of mathematics in the natural sciences* (Communications on Pure and Applied Mathematics 13: 1–14, 1960).

5 Owen Gingerich, *Kepler and the Laws of Nature* (Perspectives on Science and Christian Faith, 63 (1) 2011).

6 Thomas F. Torrance, *Divine and Contingent Order* (Oxford; Nova York: Oxford University Press, 1981), p. 109.

7 John Baillie, *Christianity in an Age of Science, in Science and Faith Today* by John Baillie, Robert Boyd, Donald Mackay, Douglas Spanner (London: Lutterworth Press, 1953), p. 17.

8 Albert Einstein, citado por Ernst Gabor Straus, seu assistente no período 1944 - 1948, in Einstein and Religion by Max Jammer (New Jersey: Princeton University Press, 1999), p. 124.

9 Freeman Dyson, *Disturbing the Universe* (New York: Harper and Row, 1979), p.250.

10 Brandon Carter, in *Confrontation of Cosmological Theories with Observational Data*, ed. M. S. Longair (Dordrecht: Reidel, 1974), p. 291.

11 John D. Barrow e Frank J. Tipler, *The Anthropic Cosmological Principle* (New York: Oxford University Press, 1986).

12 Martin J. Rees, Apenas Seis Números: As forças profundas que controlam o universo (Editora Rocco: Rio de Janeiro, 2001).

13 Hugh Ross, *Why the Universe Is the Way It Is* (Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2008).

14 O processo a que estamos nos referindo aqui é a chamada nucleossíntese estelar. Na verdade, este processo não dá conta de gerar todos os elementos da Tabela Periódica e se exaure com o elemento químico ferro. Núcleos mais pesados demandam outros mecanismos, como a nucleossíntese de supernovas.

15 A ressonância referida aqui ocorre para um valor muito preciso de energia na reação alfa-berílio, em que se observa uma enorme amplificação na probabilidade de o berílio capturar a partícula alfa, produzindo carbono, antes que este berílio se desintegre.

16 Fred Hoyle, citado em Big Bang, *Big God by Rodney Holder* (Oxford: Lion Hudson, 2013).

17 Thomas F. Torrance, op. cit., p.27.

II CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA

Razão e Propósito no Universo:
Fé, Ciência e Teleologia

1 a 3 de novembro de 2018 | Mar Hotel Convention - Recife / PE

PALESTRANTES CONVIDADOS

AndrewBriggs

Ignacio Silva

Tremper Longman

Jennifer Wiseman

Sérgio Queiroz

Guilherme de Carvalho

Roberto Covolan

Gustavo Assi

AGRADECIMENTO ESPECIAL A VOCÊ QUE ESTEVE CONOSCO EM RECIFE E PARTICIPOU DESTE GRANDE EVENTO.

EM BREVE, TODAS AS PALESTRAS ESTARÃO DISPONÍVEIS EM NOSSO CANAL OFICIAL NO YOUTUBE.

www.youtube.com/associacaobrasileiradecristaosnaciencia

Associação Brasileira Cristãos na Ciência

TEMPLETON World Charity Foundation, Inc.

2 anos de Projeto ABC²

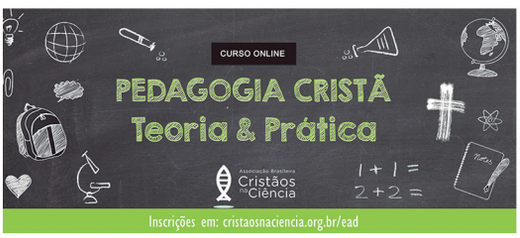
(nov/2016 a nov/2018)

CURSOS

Capacitação especializada para quem deseja conhecer mais sobre o diálogo entre fé cristã e ciência. Mais de 750 alunos fizeram nossos cursos durante estes dois anos.

CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ

Mostrar a relação entre cristianismo e ciência como uma questão real e importante a ser abordada em diferentes ambientes como igrejas, escolas, universidades, etc., dando-lhe um sentido de urgência e relevância. Além disso, o curso visa capacitar pessoas para introduzi-las nos campos de interação entre fé cristão e ciência formando pessoas capazes e motivadas a promover outros cursos ou debates.



PEDAGOGIA CRISTÃ: TEORIA E PRÁTICA

Desenvolver uma proposta de pedagogia cristã, explorando seus fundamentos filosóficos e seus desdobramentos metodológicos, de maneira a integrar teoria e prática da atividade educacional cristã.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA TECNOLOGIA

O curso fornece uma introdução histórica e temática ao campo da filosofia da tecnologia, estabelecendo uma base filosófica para pensar as implicações da mesma na sociedade. Busca oferecer capacitação para a realização de uma análise crítica e proporcionar a elaboração de argumentos e soluções aos problemas decorrentes deste desenvolvimento a partir de uma visão cristã de mundo.

DAS TERRAS DA RAINHA A SERVIÇO DO REI: O PENSAMENTO DE C.S. LEWIS, JOHN STOTT, N.T. WRIGHT, E ALISTER MCGRATH

O curso apresenta as contribuições de de C. S. Lewis, John Stott, N.T. Wright, e Alister McGrath no cristianismo e teologia nos séculos XX e XXI. Eles continuam bibliografia obrigatória para todos que querem um engajamento público ao mesmo tempo relevante e fiel às Escrituras.

A FILOSOFIA DE HERMAN DOOYEWEERD EM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO FILOSÓFICA

O curso apresentará o pensamento do filósofo holandês Herman Dooyeweerd em um diálogo com a tradição filosófica, com base no livro "No Crepúsculo do Pensamento Ocidental", onde ele resume suas principais ideias e contribuições para a filosofia, articula a interação entre os diversos campos do conhecimento, e defende a plausibilidade de uma filosofia genuinamente cristã.

INTERPRETAÇÃO BÍBLICA - DE GÊNESIS A APOCALIPSE

Partimos do pressuposto de que a Bíblia é a palavra de Deus e ao mesmo tempo é um conjunto de vários livros de gêneros literários diversos, com autores e pressupostos distintos. Semana a semana, os gêneros bíblicos e suas definições serão apresentados, bem como possibilidades de leitura de Gênesis a Apocalipse para uma interpretação profunda das Escrituras no tempo presente.

COSMOVISÃO CRISTÃ E SUA INTERAÇÃO COM A CULTURA POP, CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANIDADES

A presente disciplina pretende conscientizar o aluno da existência das cosmovisões contemporâneas, bem como torná-lo consciente do que faz parte de uma cosmovisão genuinamente cristã – isso é, do modo que ele viva em todas as esferas da vida sob a soberania de Deus. Três instâncias específicas da experiência humana serão articuladas com a teologia cristã: a cultura pop, o trabalho em ciências naturais e nas ciências humanas.

EVENTOS

SEMANA DE ESTUDO I, II E III

As três Semanas de Estudos Avançados foram realizadas com o objetivo de intensificar e aprofundar a discussão sobre a relação da fé com temas das ciências exatas, ciências da vida, neurociências e tecnologia. A programação incluiu aulas expositivas, sessões de perguntas e respostas, além de atividades individuais e em grupo. Foram realizadas em Lagoa Santa/MG, Petrópolis/RJ e Confins/MG, respectivamente. Recebemos participantes de vários lugares do Brasil para aprender e compartilhar mais sobre a relação fé cristã e ciência em sua realidade e atuação.

III CURSO FARADAY KUYPER - EDIÇÃO RJ/2017

Um evento histórico, realizado no Rio de Janeiro, na Igreja Presbiteriana do Recreio, que reuniu como palestrantes:

. Peter Harrison (Membro Laureado Australiano e Diretor da Center for the History of European Discourses);

. Denis Alexander (Diretor emérito do Instituto Faraday para Ciência e Religião, St Edmund's College, Cambridge);

. René Van Woundenberg (Professor de filosofia e diretor do Abraham Kuyper Center: para ciência e questões últimas);

. Roberto Covolan (Físico e vice-diretor do Instituto Brasileiro de Neurociências e Neurotecnologia – BRAINN. Atual presidente da ABC²);

. Guilherme de Carvalho (Teólogo, diretor do L'Abri Fellowship Brasil. Atual vice-presidente da ABC²);

. Rodolfo Souza (Obreiro do L'Abri Fellowship Brasil) e

. Pedro Dulci (Integrante do movimento Mosaico, escritor, pastor e filósofo).

Temas significativos da relação fé cristã e ciência foram discutidos.

FÓRUM TECNOLOGIA

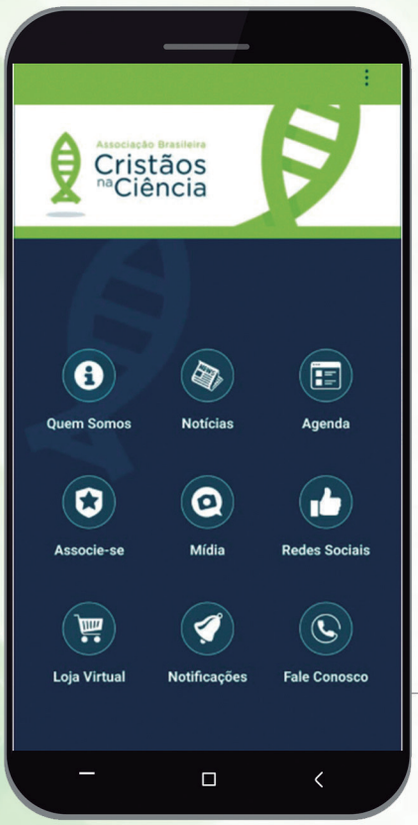
O II Fórum Avançado de Tecnologia ocorreu em Belo Horizonte/MG. Foram três dias de palestras e bate-papos sobre tecnologia e reino de Deus. Entre os palestrantes, o professor de Filosofia Reformacional Maarten Verkerk (Universidade de Maastricht/Holanda), os professores Raoni Bagno (UFMG), Gustavo Assi (USP) e Leopoldo Teixeira (UFPE) e Jonathan Freitas (UFMG).

EVENTOS PARCEIROS 2017 E 2018

Participar em eventos parceiros nos traz a esperança do verdadeiro diálogo, alcançando mais pessoas, instituições e trabalhando em nosso objetivo principal. Participamos em 2017 da Conferência BioLogos em Houston, no Texas, apresentando a ABC² para irmãos de diversos países. Estivemos também no "Faraday Summer Course", do Faraday Oxford & Amsterdam e fomos representados no "South Carolina Chapter Scientific Meeting" - ASA, em Charleston, South Carolina. Além disso, marcamos presença na conferência Made for More/SP, no Encontro Aliança Evangélica (SP) e no Vocare em Maringá/PR.

Já em 2018, participamos em João Pessoa da Conferência da Missão JUVEP, estivemos presentes na palestra promovida na USP com a presença de William Lane Craig e no Congresso Nacional da Mocidade Presbiteriana em Brasília . Em Curitiba, participamos do Encontro Nacional de Jovens e retornamos ao Vocare em Maringá. Marcamos presença no Encontro do Mosaico/Goiânia, participamos do Simpósio de Escola Bíblica da Assembleia de Deus de Parada Angelica/RJ e na conferência Centro de Treinamento para Plantadores de Igrejas-CTPI/Campinas. Palestramos na Conferência Oxigênio/Recife e também na Conferência Agora/Rio de Janeiro. Fechamos o ano participando da Conferência Missionária Erguei e Vede /Curitiba.

NOVOS RECURSOS DE CONTEÚDO!



APLICATIVO ABC²

O aplicativo Cristãos na Ciência é mais uma ferramenta para facilitar o acesso ao nosso conteúdo. Nele você recebe nossas novidades e promoções.

CANAL DO YOUTUBE

Mais de 80 vídeos à sua disposição com assuntos diversos e grandes nomes da temática fé cristã e ciência.

LIVROS DA COLEÇÃO

CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ

VENDEMOS MAIS DE 9000 LIVROS PARA DIVERSOS LUGARES DO MUNDO.
ASSOCIADOS TÊM 40% DE DESCONTO NA COMPRA DE LIVROS DA SÉRIE.
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS!

LANÇAMENTO

GRUPOS DE ESTUDOS ABC²

QUANDO O PROJETO ABC² FOI CRIADO, ABRAÇAMOS A OUSADA META DE CRIAR 12 GRUPOS LOCAIS. AO FINAL DE 2017, COM POUCO MENOS DE "DOIS ANOS DE IDADE", TÍNHAMOS 26 GRUPOS. MENOS DE UM ANO DEPOIS, EM OUTUBRO DE 2018, ESTAMOS COM MAIS DE 50 GRUPOS!

SUDESTE

Barra Mansa, Barueri, Belo Horizonte (4 grupos), Campinas, Mogi das Cruzes, Niterói, Pará de Minas, Pavão, Pouso Alegre, Presidente Prudente, Rio de Janeiro (3 grupos), Santo André, Santos, São Carlos, São Paulo (2 grupos), Sorocaba, Viçosa

NORDESTE

Aracaju, Barreiras, Camaçari, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Picos, Recife, Salvador, São Luis, Sobral, Teresina, Natal

SUL

Charqueadas, Concórdia, Curitiba, Florianópolis, Maringá, Osório, Paranaguá, Porto Alegre

CENTRO-OESTE

Brasília, Campo Grande, Goiânia, Jataí,

NORTE

Belém (2 grupos)

www.cristaosnaciencia.org.br/grupos

Diálogo entre fé e ciência nos quatro cantos do Brasil

Propósito

Existe uma barreira de duas vias para o avanço das conversas sobre fé e ciência no mundo, especialmente no Brasil. De um lado, as universidades públicas, que dominam amplamente as publicações e artigos de impacto, costumam apresentar um viés antirreligioso, o que prejudica esforços de pesquisa ou mesmo de estudo do assunto. Por outro lado, parte significativa das igrejas evangélicas brasileiras têm uma característica suspeita em relação ao pensamento científico, alimentando a ideia de que a ciência dominante na academia é perigosa e sustenta posições contrárias à fé tradicional.

Acreditamos, entretanto, que essa barreira é prejudicial para a sociedade brasileira, alienando, por um lado, muitos cristãos de um conhecimento científico bem informado, e afastando, por outro, as universidades públicas da fundamental presença e discussão de assuntos relacionados à fé.

O ABC² existe para, entre outras coisas, ajudar a derrubar essa barreira e fazer a ponte entre os territórios intelectuais e religiosos no Brasil.

Com isso em vista, trabalhamos para avançar o nosso duplo propósito: auxiliar no desenvolvimento de uma comunidade intelectual cristã, reunindo cristãos acadêmicos, pastores, e profissionais em torno de áreas de interesse comuns, preparando-os para uma relevante e bem informada presença na academia; e desenvolver uma pastoral acadêmica: para um discipulado apropriado aos desafios, tensões e oportunidades características da Universidade.

Grupos

Estamos experimentando uma verdadeira explosão nos grupos locais da ABC², muito maior do que poderíamos imaginar. Quando o Projeto ABC² foi criado, abraçamos a ousada meta de criar 12 grupos locais. Ao final de 2017, com pouco menos de "dois anos de idade", tínhamos 26 grupos. Menos de um ano depois, em outubro de 2018, estamos com mais de 50 grupos!

Os grupos são variados em número de participantes, no nível de discussão e de maturidade. No entanto, essas variedades se encaixam bem no contexto diversificado da academia e do cristianismo brasileiro, e, ao passo que respeitamos essas diferenças, esperamos incrementar no próximo ano novas ações para o desenvolvimento de cada um dos grupos.

É importante notar também que, embora a maioria dos grupos seja generalista na gama de assuntos discutidos – a maioria deles está trabalhando em temas introdutórios como interação fé & ciência, modelos de criação-evolução, teologia natural (entre outros temas), também estamos vivenciando ascensão de alguns grupos distintos e altamente especializados.

Um exemplo é o grupo de filosofia da tecnologia, que já promoveu três seminários, tem um grupo de pesquisa vinculado à UFMG, e tem um de seus membros em um programa de doutorado estudando temas relacionados. A ABC² está alcançando mais pessoas e espaços do que poderíamos sonhar.

2018: Seminários de treinamento: Interação e Missão

Missão cristã é participar da missão do Deus Trino, em Seu abrangente empreendimento de redimir toda a criação. A interação entre os campos da Fé e da Ciência é fundamental na medida que contribui para missão divina, e expande a perspectiva de cristãos acadêmicos para compreenderem suas vocações científicas dentro desse contexto missionário.

Entendendo a centralidade dos Grupos Locais para a missão de Deus, o conselho da Associação planejou sete treinamentos para 2018, em cidades geograficamente estratégicas e onde existe um Grupo Local bem estabelecido.

O objetivo central dos Seminários de Treinamentos foi equipar líderes locais para uma interação mais ampla e efetiva nas universidades, escolas tecnológicas e igrejas de suas cidades e regiões. Eles também estão sendo preparados para liderar a formação de novos grupos em suas próprias cidades ou locais próximos.

Como resultado desses treinamentos, mais de dez novos grupos surgiram e novos projetos estão sendo desenvolvidos.

O Seminário de Treinamento foi baseado em quatro pilares: (1) perspectivas bíblicas para uma interação missional coerente com a ciência no contexto brasileiro; (2) ferramentas para o desenvolvimento de projetos missionais de fé científica; (3) como responder ao desafio materialista e ateísta; e finalmente (4) a apresentação de um novo material, preparado pela equipe ABC², que consiste em dezesseis aulas, cobrindo os principais temas do debate Fé-Ciência.

Esse material em breve estará disponível para todos os líderes de Grupo, que o usarão para ministrar aulas, palestras e cursos em igrejas, universidades e outros contextos.

O desafio de lidar com jovens que deixam a igreja ao ingressarem na universidade

Por Pastor Bruno Mendes

Os anos vividos na Universidade podem representar para o jovem o melhor período de toda a sua vida. É um tempo de descobertas, amadurecimento, capacitação e expectativas. E quando tudo isso é vivido no início da fase adulta, tudo fica ainda mais bonito e fascinante.

Contudo, para boa parte dos jovens cristãos, a realidade não é tão bela. Isso porque o ambiente acadêmico atualmente é dominado por valores e princípios totalmente contrários à Palavra de Deus, fazendo com que o cristão seja desafiado diariamente por ideologias, filosofias e pensamentos que confrontam suas crenças. Não raras vezes esse embate resulta no enfraquecimento da fé e em cristãos acanhados, encurralados, escondidos e desviados.

Pesquisas recentes realizadas entre cristãos universitários dão conta de que aproximadamente 40% dos estudantes se afastam da fé durante o período de graduação[1]. O número é assustador e preocupante, mas também plenamente contornável, desde que as causas do problema sejam identificadas e atacadas.

A primeira e mais grave causa é o fato de que muitos cristãos ingressam na Universidade sem uma base bíblica adequada. É verdade que o conhecimento das Escrituras deve ser característica de todo cristão, mas especialmente o universitário precisa de uma base sólida e experimentada, já que as verdades mais fundamentais que constroem suas crenças serão alvo de duros ataques por parte de professores e colegas de sala.

Quando ingressam no curso superior amparados apenas por experiências pessoais com a fé, os jovens são alvo fácil dos mais sutis e falaciosos argumentos. O Evangelho superficial e antropocêntrico é abandonado logo nos primeiros dias de aula, quando confrontado com pensamentos e ideias bem fundamentadas em sentido contrário. Não é difícil entender porque algumas igrejas preferem proibir a faculdade para seus membros.

O conhecimento bíblico, portanto, é fundamental, mas não é tudo. Não basta dar aos cristãos universitários ferramentas de sobrevivência no meio acadêmico. É preciso ir além, sonhar mais alto. O cristão deve investir em conhecimento que o capacite a apresentar sua fé em todas as mesas de conversa, de todos os cursos de graduação. Deve conhecer outras cosmovisões, as filosofias e os pensamentos mais diversos que compõem esse universo – não por acaso – chamado Universidade.

A segunda causa do problema, portanto, é a falta de capacitação em cosmovisão e apologética. Nancy Pearcey também identifica esse problema quando diz que:

"*na função de pais, pastores, professores e líderes cristãos de grupo de mocidade, vemos constantemente os jovens humilhados pela contracorrente de tendências culturais poderosas. Se tudo que lhes dermos for uma religião do 'coração', não serão bastante fortes para se oporem à isca de ideias atraentes e perigosas. Os jovens crentes também precisam de uma religião do 'cérebro' – educação em cosmovisão e apologética – para equipá-los na análise e crítica de cosmovisões concorrentes que eles encontrarão no mundo afora*".[2]

A Universidade representa o centro estratégico da cultura. As ideias que alcançam e moldam toda a sociedade começam a ser debatidas em pequenos grupos de universitários, projetos de pesquisas e teses científicas. Se permitirmos que esse local de influência seja ocupado exclusivamente por pensamentos opostos ao Evangelho teremos poucas chances de ver a expansão do Reino de modo efetivo e abrangente em nossos dias.

Portanto, como todo missionário, o cristão enviado à Universidade precisa se preparar adequadamente para contrapor argumentos enganosos e defender com sabedoria a racionalidade e veracidade do Cristianismo diante de outras cosmovisões. A fé cristã precisa ser exposta como resposta suficiente para todos os questionamentos do homem em toda sua complexidade. Não há uma área do conhecimento que não encontre em Jesus Cristo seu sentido e significado, pois "nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento", conforme Cl. 2.3. Ou, como disse Abraham Kuyper, "não há um único centímetro quadrado, em todos os domínios de nossa existência, sobre os quais Cristo, que é soberano sobre tudo, não clame: 'É meu!'".

A missão do cristão na Universidade é maior do que simplesmente terminar a graduação sem se desviar da fé. É preciso abandonar essa postura passiva e com ousadia "manejar corretamente a Palavra da Verdade" (2 Tm 2.15) nesse ambiente tão hostil ao Evangelho. É necessário desmentir argumentos já solidificados entre acadêmicos cristãos e não-cristãos como a incompatibilidade entre fé e ciência ou a irracionalidade da fé cristã. Mas isso só pode ser feito por cristãos bem preparados não apenas com conteúdo bíblico, mas também com apologética e cosmovisão.

O afastamento de tantos jovens da fé durante a graduação é consequência natural do confronto existente entre a academia e uma fé superficial baseada exclusivamente nas emoções e não em argumentos sólidos, coerentes e racionais.

Como ovelhas que não tem pastor, muitos destes jovens lutam com crises na fé, dúvidas e questionamentos algumas vezes grandes demais para manter de pé as crenças religiosas que, em alguns casos, remontam a gerações antes dele.
Nas palavras de William Lane Craig,

"*não é suficiente que os grupos e as classes de escola dominical de jovens concentrem suas atividades no entretenimento e em simpáticas ideias devocionais. Precisamos treinar os nossos filhos para a guerra. Não podemos arriscar enviá-los aos colégios e universidades armados com espadas e armaduras de plástico. O tempo para brincadeiras já passou*".[3]

Pelo bem dos jovens cristãos na Universidade e pelo avanço do evangelho nesse meio estratégico para transformação da cultura, é preciso uma reforma nos púlpitos e nos ministérios de jovens das igrejas. Os universitários têm desafios reais e uma nobre missão a cumprir, e os pastores precisam abrir os olhos e se engajar junto com eles nessa guerra.

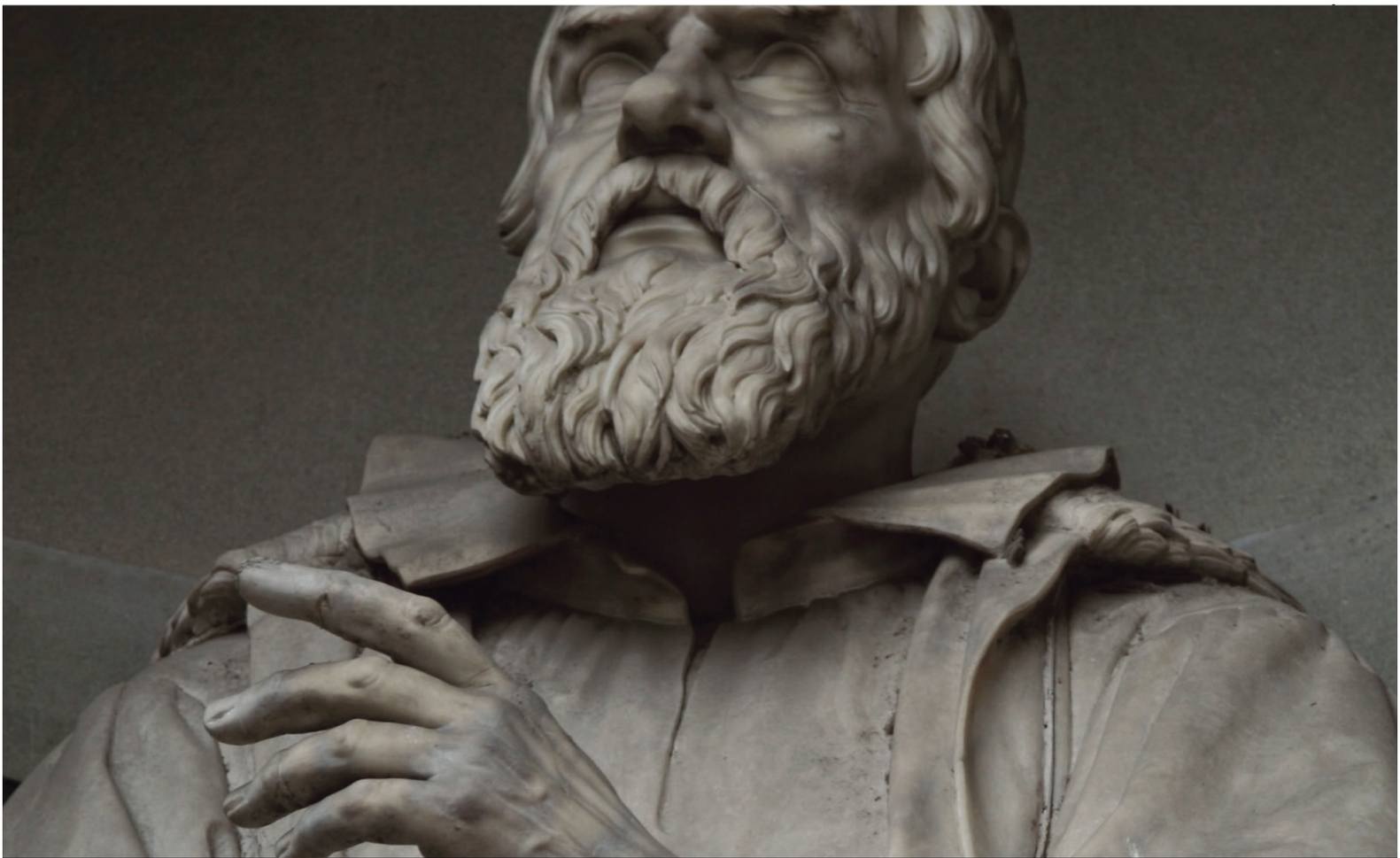
Referências:

1. Nascimento, Valmir (2016). O Cristão e a Universidade. Editora CPAD. p. 15.
2. Pearcey, Nancy (2006). Verdade Absoluta. Editora CPAD. p. 22.
3. Craig, William Lane (2012). Apologética Contemporânea. Editora Vida Nova. p. 19.

PARTICIPE DE UM GRUPO DE ESTUDOS ABC²

Muitos são os desafios enfrentados pelos jovens quando se ingressam na universidade. Desenvolvemos ações específicas junto aos nossos grupos de estudos locais para acolher estes universitários, proporcionando a eles um espaço de conversa para compartilhar e esclarecer dúvidas a fim de fortalece-los para os desafios que os esperam.

Informações:
cristaosnaciencia.org.br/grupos
contato@cristaosnaciencia.org.br



DICIONÁRIO DE CRISTIANISMO E CIÊNCIA

Obra de referência definitiva para a interseção entre fé cristã e ciência contemporânea

- Entradas para mais de 450 termos-chave, teorias, indivíduos, debates e muito mais
- Mais de 140 principais estudiosos internacionais
- Exposições de múltiplas perspectivas sobre tópicos controversos
- Sistema completo de referência cruzada com recomendações para leitura adicional

Paul Copan, Tremper Longman III,
Christopher L. Reese e Michael G. Strauss,
Organizadores

Lançamento com autógrafos na II Conferência Nacional.

PASTORES E ABC² CAMINHANDO JUNTOS!

Evento reuniu líderes de vários estados brasileiros para conversarem sobre fé e ciência

No segundo semestre de 2018, a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência promoveu em São Paulo o I Fórum de Pastores. O evento reuniu cerca de 30 pessoas para falar sobre a importância do diálogo entre fé e ciência e suas consequências na vida do cristão.

Estiveram presentes conosco:

Pr. Sérgio Queiroz (Cidade Viva, João Pessoa), Pr. Ziel Machado (Igreja Metodista Livre Saúde, São Paulo), Pr. Marcelo Berti (Igreja Batista Fonte, Campinas), Pr. Marcos Botelho (Comunidade da Vila, São Paulo), Pr. Daniel Guanaes (Igreja Presbiteriana Recreio, Rio de Janeiro), Pr. Bruno Mendes (Igreja Batista Lagoinha, Belo Horizonte), Pr. Fernando Leite (Igreja Batista Fonte, Campinas), Pr. Filipe Fontes (Igreja Presbiteriana Unida da Freguesia do Ó, São Paulo), Pr. Armando Bispo (Igreja Batista Central, Fortaleza), Pr. Miguel Uchoa (Igreja Anglicana Diocese, Recife), Pr. Guilherme Franco (A Ponte, Recife), Pr. Mario Levy (Igreja Presbiteriana Nova Jerusalém, Recife), Pr. Ebenézer Silva (Igreja Presbiteriana de Copacabana, Rio de Janeiro), Pr. Michel Augusto (Igreja Batista Reformada Deus é luz, Brasília), Dr. Ariel Scafuri (Igreja Presbiteriana Nova Jerusalém, Fortaleza), Dr. Marco Leite (Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo).

A motivação para realizar este evento foi a importância do engajamento da igreja neste diálogo. Sérias são as questões envolvendo estes dois campos e que refletem diretamente na edificação da fé de muitos cristãos, em especial os universitários e atuantes na academia.

Abaixo trazemos dados de uma pesquisa recente do BARNA Group para mostrar a demanda que temos pela frente:

. 70% dos cristãos abandonam a fé ao entrar na Universidade. Professores universitários são 5 vezes mais propensos a se identificarem como ateus do que a população em geral.
. 61% concorda com ideias da "Nova Espiritualidade". "Todas pessoas oram para o mesmo deus ou espírito, não importa a religião"; "Se você fizer o bem, vai receber o bem; se fizer o mal, receberá o mal".
. 54% concorda com ideias "pós-modernas". "ninguém pode saber com certeza qual é o propósito da vida"; "O que é moralmente correto ou errado depende do que cada um acredita".
. 29% acreditam em ideias baseadas no "secularismo". "Significado e propósito são encontrados ao se trabalhar o mais duro possível, para ganhar tanto quanto possível nessa vida". "A vida de uma pessoa tem valor apenas se a sociedade a enxerga como valiosa".

Estes dados nos motivam a avançar com o trabalho de ponte entre a comunidade científica e a comunidade acadêmica. Você, como cristão, precisa se engajar também!

Ao final do fórum, os presentes firmaram um compromisso redigido em conjunto e asssinado por todos conforme abaixo:

I FÓRUM DE PASTORES DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRISTÃOS NA CIÊNCIA
SÃO PAULO, 7 A 9 DE AGOSTO DE 2018

DECLARAÇÃO EM PROL DE UMA PASTORAL ACADÊMICA

A crescente secularização dos meios acadêmicos tem servido como barreira à manifestação de uma visão cristã e integral da realidade. Ao mesmo tempo, identificamos um abandono relativo da vida intelectual e da mentalidade por parte da igreja evangélica. Como resultado, constatamos a carência de mentes cristãs que sejam hábeis em interagir no meio acadêmico com um ferramental capaz de integrar a fé cristã e as ciências de maneira inteligente, assertiva e amorosa.

Nos responsabilizamos por criar ambientes apropriados em nossas igrejas, viabilizando o diálogo entre fé e as ciências subordinado à soberania de Cristo em todas as esferas da vida. Compreendemos como valores essenciais a este empreendimento: a lealdade a nossa identidade confessional, o respeito à diversidade de opiniões, segurança e acolhimento a mentes e corações.

Sustentamos a formação de uma interface comunitária que viabilize a comunicação entre as diferentes esferas de responsabilidade da igreja e das ciências, respeitando a identidade

e competência tanto da igreja quanto da academia. Reconhecemos a necessidade da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²), enquanto instituição ponte, em promover um movimento de reflexão nas diversas áreas do saber, inspirando a união da vida intelectual e piedade e, assim, fomentando uma pastoral acadêmica centrada nas igrejas locais e comprometida com o engajamento missional no ambiente acadêmico.

Nós, como pastores, nos comprometemos a modelar o exercício da pastoral acadêmica, identificando pessoas e possibilidades de atuação neste universo. Nos comprometemos a fomentar o diálogo de alto nível entre a fé cristã e o pensamento científico, visando o resgate da verdadeira humanidade e do bem comum para a glória de Deus. Nos comprometemos a estar presentes e sermos solidários na jornada, oferecendo um espaço de cuidado interpessoal.

Assinam os Pastores e liderança da ABC², reunidos no bairro do Ibirapuera, em São Paulo SP, no dia 9 de agosto de 2018.

****

O pastor Guilherme de Carvalho, vice-presidente da ABC², em texto publicado no site da Editora Ultimato, apresentou dicas de como lidar com o diálogo, seja qual for sua área de atuação:

1 - Não faça sozinho

O empreendimento intelectual na academia, e a ciência moderna em particular, são feitos em comunidade. Existe o que chamamos de comunidade científica, e é ela que valia teorias, tradições de pesquisa e assim por diante. Temos então uma anomalia quando o cristão pensa que vai lidar individualmente com a ciência moderna e com a academia, que são empreendimentos comunitários. Não há como pensar e responder às questões desse campo sozinho. Assim como a atividade científica e acadêmica são comunitárias, a interação entre fé cristã e ciência também é. Não tente fazer isso sozinho, junte-se a outros cristãos. Para isso existem a ABC² e outros projetos nos quais cristãos desenvolvem uma vida intelectual em conjunto. A igreja também é uma comunidade. Tentar fazer isso sozinho provavelmente vai te trazer problemas.

2 - Não ignore o passado

Especialmente no caso das ciências naturais, teorias antigas costumam ter um valor mais histórico. Temos exemplos de teorias que já foram abandonadas no passado. Geralmente, na comunidade científica, o olhar é para o futuro, mas mesmo nesse caso existe uma tradição. E, também, existe uma tradição no diálogo entre fé e ciência. A ideia de "o que as pessoas pensaram antes de mim?" é muito importante. O cristianismo vem discutindo e dando respostas a questões desse diálogo há muito tempo. Santo Agostinho já trazia reflexões sobre como relacionar Escritura e ciência, por exemplo. É muita pretensão pensar que vamos conseguir dar respostas nesse campo sem o conhecimento e o apoio da tradição anterior a nós.

3 - Não relativize sua fé

Na primeira carta de Pedro, temos a recomendação de santificar a Cristo como Senhor em nossos corações, estando sempre prontos para apresentar a razão da nossa fé. Santificar a Cristo como Senhor tem o sentido de separar e consagrar. No processo de pensar em como apresentar sua fé, a centralidade de Cristo em nossas vidas precisa estar bem estabelecida. Vamos dialogar, mas não vamos negociar Deus. Não podemos entrar em um diálogo intelectual, como esse entre fé e ciência, relativizando nossa fé. Não relativize sua fé em busca de aceitação acadêmica.

Assim como grandes estudiosos compreendem a importância da relação entre as temáticas, contar com o apoio e a mobilização de pastores de todo o Brasil nas atividades da ABC² vem somar e muito em nossa missão. Queremos ser um suporte em conteúdo e iniciativas ampliando o diálogo e diminuindo os enganos a respeito da interação entre fé e ciência.

Podemos sim ser cristãos convictos e atuantes na academia, podemos sim aprender muito com os avanços da ciência sem perder a nossa fé. Participe também! Temos diversas frentes em ação por todo o Brasil.

ABC²-H

Diálogo & Antítese

Textos fundamentais em religião
e ciências humanas

www.cristaosnaciencia.org.br/humanidade/

Série de textos com a temática Humanidades promovida pela ABC². Artigos de autores como Eric Johnson, Roy Clouser, Herman Dooyeweerd, Clark & Barret, Alvin Plantinga, entre outros.

Conselhos aos filósofos cristãos

Alvin Carl Plantinga é um filósofo analítico americano, que trabalha principalmente em lógica, justificação, filosofia cristã e epistemologia. Ele é o autor de importantes trabalhos, incluindo Deus e Outras Mentes (1967), A Natureza da Necessidade (1974) e uma trilogia de livros sobre epistemologia, que culminaram em Warranted Christian Belief (2000) que foi simplificado com o livro Conhecimento e Crença Cristã (2016). Seu livro Crença Cristã Avalizada foi lançado no Brasil recentemente pela editora Vida Nova em parceria com a ABC[2].

Prefácio

No artigo seguinte eu escrevo da perspectiva de um filósofo e, é claro, tenho conhecimento detalhado apenas (no máximo) do meu campo de trabalho. Estou convicto, entretanto, de que muitas outras disciplinas se assemelham à filosofia no que tange às coisas que eu digo abaixo. (Fica a cargo dos praticantes de tais disciplinas observar se estou certo ou não).

Primeiro, não é somente na filosofia que nós cristãos somos altamente influenciados pelas práticas e procedimentos de nossos colegas não-cristãos. (De fato, tendo em vista o caráter rixento dos filósofos e o grande desacordo na filosofia é provavelmente mais fácil ser um dissidente na filosofia do que em qualquer outra disciplina.) O mesmo vale para aproximadamente qualquer disciplina intelectual contemporânea importante: história, crítica literária e artística, musicologia e as ciências tanto sociais quanto naturais. Em todas essas áreas há maneiras de se proceder, hipóteses difundidas sobre a natureza da disciplina (por exemplo, hipóteses sobre a natureza da ciência e seu lugar na nossa economia intelectual), hipóteses sobre como a disciplina deve ser realizada ou sobre o que é uma contribuição importante. Nós absorvemos essas hipóteses, se não quando jovens, de qualquer forma absorvemos ao trabalhar nas disciplinas. Em todas essas áreas aprendemos como praticar nossas disciplinas sob a direção e influência de nossos colegas. Mas em muitos casos, essas hipóteses e pressuposições não se conformam facilmente a uma forma cristã ou teísta de enxergar o mundo. Isso é óbvio em muitas áreas: na crítica literária e teoria cinematográfica, onde o antirrealismo criativo (veja abaixo) invade; na sociologia e na psicologia e outras ciências humanas; na história, e até em muito da teologia contemporânea (liberal). É menos óbvio, mas não menos presente, nas chamadas ciências naturais. O filósofo australiano J.J.C. Smart uma vez disse que um argumento útil (de seu ponto de vista naturalista) para convencer crentes na liberdade humana de seu erro é apontar que a biologia mecanicista contemporânea parece não deixar espaço para o livre-arbítrio humano: como, por exemplo, tal coisa (livre-arbítrio) poderia se desenvolver no curso evolucionário das coisas? Até na física e matemática, os rígidos baluartes da razão pura, questões similares surgem. Estas questões têm a ver com o conteúdo dessas ciências e a maneira como se desenvolveram. Também têm a ver com a maneira (como são normalmente ensinadas e praticadas) como essas disciplinas são artificialmente separadas das questões concernentes à natureza dos objetos os quais elas estudam – uma separação determinada, não pelo que é mais natural ao objeto em questão, mas por uma abrangente concepção positivista da natureza do conhecimento e a natureza da atividade intelectual humana.

E terceiro, aqui, como na filosofia, cristãos devem demonstrar autonomia e integridade. Se a biologia mecanicista contemporânea realmente não deixa espaço para a liberdade humana, então algo além da biologia mecanicista contemporânea deve ser sugerido; e a comunidade cristã deve desenvolver isso. Se a psicologia contemporânea é fundamentalmente naturalista, então cabe aos psicólogos cristãos desenvolver uma alternativa que se encaixe bem com o sobrenaturalismo cristão – uma que comece a partir de produtivas verdades científicas tais como Deus criou o ser humano a sua própria imagem.
É claro que eu não pretendo ensinar aos cristãos praticantes de outras disciplinas como apropriadamente praticar suas disciplinas como cristãos. (Tenho ocupação o bastante em tentar seguir minha própria disciplina adequadamente.) Mas eu acredito firmemente que o padrão apresentado na filosofia é também encontrado em quase toda área de engajamento intelectual sério. Em cada uma dessas áreas fundamentais, e muitas vezes não expostas, pressuposições que dirigem a disciplina não são religiosamente neutras; são, muitas vezes, opostas à perspectiva cristã. Nessas áreas, então, como na filosofia, cabe aos cristãos que as praticam desenvolver as apropriadas alternativas cristãs.

1. Introdução

O cristianismo, atualmente, e na nossa parte do mundo, está crescendo. Há muitos sinais apontando nesta direção: o cres-

cimento de escolas cristãs, de sérias denominações cristãs conservadoras, o furor sobre a oração pública nas escolas, a controvérsia evolução/criação, e outros.

Há também poderosas evidências disso na filosofia. Trinta ou trinta e cinco anos atrás, o temperamento público da filosofia corrente no mundo de fala inglesa era profundamente não-cristão. Poucos filósofos eram cristãos, menos ainda admitiam em público que eram, e menos ainda pensavam que ser cristão faria alguma diferença real em sua prática filosófica. A questão da teologia filosófica mais popular, na época, era não se o cristianismo ou o teísmo eram verdadeiros; a questão era se fazia sentido dizer que há tal pessoa como deus. De acordo com o positivismo lógico, em alta na época, a afirmação "Deus existe" não fazia sentido algum; é loucura; não expressa nada. A questão central não era se o teísmo era verdadeiro; era se há tal coisa como teísmo – uma afirmação factual que é ou falsa ou verdadeira. Mas as coisas mudaram. Há muito mais filósofos cristãos e ainda mais produtivos filósofos cristãos entre os maiores da vida filosófica americana. Por exemplo, a fundação da Society for Christian Philosophers (Sociedade para Filósofos Cristãos), uma organização que promove companheirismo e troca de ideias entre filósofos cristãos, é tanto uma evidência como uma consequência desse fato. Fundada seis anos atrás, agora é uma forte organização com encontros regionais em toda parte do país. Seus membros estão profundamente envolvidos na vida filosófica americana profissional. Então, o cristianismo está crescendo e crescendo na filosofia, como também em todas as outras áreas da vida intelectual.

Mas mesmo o cristianismo crescendo, deu poucos passos e está marchando dentro de um território alheio. Visto que a cultura intelectual de nossos dias é, em grande parte, profundamente não-teísta e, portanto, não-cristã – mais do que isso, é antiteísta. Muito das chamadas ciências humanas, muito das ciências não-humanas, muito do engajamento intelectual não-científico e mesmo uma boa parte da suposta teologia cristã é animada por um espírito estranho ao teísmo cristão. Não tenho espaço aqui para desenvolver e elaborar esse ponto mas eu não preciso, pois isso é familiar a vocês todos. Retornando à filosofia: muito dos principais departamentos de filosofia na América tem praticamente nada para oferecer ao estudante que intenta ver como se é um filósofo cristão, como desenvolver o testemunho cristão em assuntos correntes na filosofia. Num departamento de filosofia típico haverá pouco mais do que um curso sobre filosofia da religião no qual lhes será sugerido que as evidências a favor da existência de Deus – as provas teístas clássicas – são, no mínimo, contrabalançadas pelas evidências contra a existência de Deus – o problema do mal, talvez; e também pode ser acrescentado que a escolha mais sábia, tendo em vista máximas como A Navalha de Ockam, é dispensar toda essa ideia de Deus, pelo menos para propósitos filosóficos.

Meu intento, aqui, é dar alguns conselhos aos filósofos que são cristãos. E apesar de meus conselhos serem dirigidos especificamente aos filósofos cristãos, é relevante para todos os filósofos que creem em Deus, judeus ou muçulmanos. Eu proponho apresentar algum conselho à comunidade filosófica cristã ou teísta: algum conselho relevante à situação na qual nos encontramos. "Quem é você?", me perguntas, "para nos dar conselhos?". É uma boa pergunta sem resposta: devo ignorá-la. Meu conselho pode ser resumido em duas sugestões interligadas, junto de uma explicação. Primeiro, filósofos e intelectuais cristãos devem demonstrar mais autonomia – mais independência do resto do mundo filosófico. Segundo, filósofos cristãos devem mostrar integridade – integridade no sentido original da palavra, ser um inteiro. Talvez "integralidade" fosse a melhor palavra aqui. E, necessário aos dois, há um terceiro: coragem cristã, ou ousadia, ou força, ou talvez autoconfiança cristã. Nós, filósofos cristãos, devemos mostrar mais fé, mais confiança no Senhor. Nós devemos vestir toda armadura de Deus. Deixe-me explicar de forma preliminar e breve o que eu tenho em mente. Então considerarei alguns outros exemplos mais detalhadamente.

Pense num estudante cristão de Grand Rapids, Michigan, ou Arkadelphia, Michigan – que decide seguir seu caminho na filosofia. Naturalmente o bastante, ele irá para a faculdade para aprender como se tornar filósofo. Talvez vá a Princeton, ou Berkeley, ou Pittsburg, ou Arizona; não importa muito qual. Lá ele aprende como a filosofia é praticada. As questões presentes são tópicos, tais como a nova teoria de referência; a controvérsia realismo/antirrealismo; os problemas de probabilidade; a alegação de Quine sobre a indeterminação radical da tradução; Rawls sobre justiça; a teoria causal do conhecimento; problemas de Gettier; o modelo de inteligência artificial para entender o que é ser uma pessoa; a questão sobre o status ontológico não-observável de entidades na ciência; se há objetividade genuína na ciência ou em qualquer lugar; se a matemática pode ser reduzida a pura teoria ou se entidades abstratas em geral – números, proposições, propriedades – podem ser dispensadas; se mundos possíveis são abstratos ou concretos; se nossas afirmações são melhor vistas como avanços num jogo linguístico ou como tentativas de afirmar verdades sobre o mundo; se o egoísta racional pode ser taxado de irracional, e tudo o mais. É natural para ele, depois de obter seu Ph.D, continuar a pensar e trabalhar sobre estes tópicos. E é natural, além disso, trabalhar neles da maneira que lhe foi ensinado, pensando sobre eles à luz de hipóteses apresentadas por seus mentores e em termos de ideias comumente aceitas sobre o ponto de partida de um filósofo, o que requer argumento e defesa, e como é uma explanação filosófica satisfatória ou uma solução apropriada a uma questão filosófica. Ele se sentirá desconfortável ao se separar desses tópicos e hipóteses, sentindo instintivamente que tais separações são no máximo marginalmente respeitáveis. A filosofia é uma empreitada social e nossos padrões e hipóteses – os parâmetros dentro dos quais praticamos a filosofia – são ajustados por nossos mentores e pelos grandes centros contemporâneos de filosofia

De um ponto de vista isso é natural e apropriado, de outro, entretanto, é profundamente insatisfatório. As questões que mencionei são importantes e interessantes. Filósofos cristãos, entretanto, são os filósofos da comunidade cristã. E é parte de seu trabalho como filósofos cristãos servir à comunidade cristã. Mas a comunidade cristã tem suas próprias perguntas, suas próprias preocupações, seus próprios tópicos de investigação, sua própria agenda e seu próprio programa de pesquisa. Filósofos cristãos não devem tirar suas inspirações apenas do que está ocorrendo em Princeton ou Berkeley ou Harvard, atrativas e cintilantes como tais coisas podem ser; pois talvez esses tópicos não sejam os principais, ou talvez não os únicos que eles, como filósofos cristãos, devem pensar. Há outros tópicos filosóficos sobre os quais a comunidade cristã deve trabalhar, e outros tópicos sobre os quais a comu-

nidade cristã deve trabalhar filosoficamente. E, obviamente, os filósofos cristãos são aqueles que devem fazer o trabalho filosófico exigido. Se eles concentrarem seus esforços a tópicos populares ao mundo filosófico não-cristão, eles estarão negligenciado uma parte central e crucial de seus trabalhos como filósofos cristãos. O que é necessário aqui é mais independência, mais autonomia em relação a projetos e preocupações do mundo filosófico não-teísta.

Mas algo mais é importante aqui. Suponha que o estudante mencionado vá para Harvard e lá estuda com Willard van Orman Quine. Ele se acha atraído pelas ideias e procedimentos de Quine: seu empirismo radical, sua fidelidade à ciência natural, sua inclinação ao behaviorismo, seu naturalismo, e seu gosto por paisagens desertas e sua parcimônia ontológica. Seria totalmente natural para ele se tornar envolvido nessas ideias e projetos, ver a filosofia frutífera e útil como substancialmente envolvida nesses projetos. Claro que ele notará certas tensões entre sua crença cristã e sua maneira de fazer filosofia e pode, depois, se esforçar para harmonizá-las. Ele devotará seu tempo e energia para entender e reinterpretar a crença cristã de modo a se tornar aceitável ao quiniano. Um filósofo que eu conheço, que embarcou num projeto desses, sugeriu que os cristãos deveriam pensar em Deus como um conjunto (Quine está propenso a aceitar conjuntos): o conjunto de todas as proposições verdadeiras, talvez, ou o conjunto de ações certas, ou a união desses conjuntos, ou talvez seu produto cartesiano. Isso é compreensível. mas também vai numa direção muito errada. Quine é um filósofo brilhante: uma força filosófica, poderosa, original e hábil, mas seus compromissos fundamentais, seus projetos e preocupações fundamentais, são totalmente diferentes dos projetos e preocupações da comunidade cristã – totalmente diferentes e, de fato, contrários. E o resultado de tentar enxertar o pensamento cristão sobre suas visões básicas do mundo será no máximo uma bagunça nada íntegra e, no pior, comprometerá, distorcerá ou trivializará seriamente as alegações do teísmo cristão. O que é preciso é mais inteireza, mais integralidade.

Então o filósofo cristão tem seus próprios tópicos e projetos sobre os quais pensar. E e quando ele pensa sobre os tópicos correntes no mundo filosófico, ele vai pensá-los de sua própria maneira, que poderá ser uma maneira diferente. Ele poderá ter que rejeitar hipóteses bem aceitas sobre a empreitada filosófica – ele pode ter que rejeitar hipóteses aceitas em relação ao ponto de início e procedimentos da empreitada filosófica. E – e isso é muito importante – o filósofo cristão tem um direito perfeito sobre o ponto de vista e hipóteses pré-filosóficas que ele trás para o labor filosófico. O fato de que isso não é amplamente compartilhado fora da comunidade cristã ou teísta é interessante, mas fundamentalmente irrelevante. Eu posso explicar melhor o que penso através de um exemplo; então descerei do nível de explicações gerais para explicações mais específicas.

II. Teísmo e Verificabilidade

Primeiro, o temido "Critério de Verificabilidade de Sentido". Durante os prósperos dias do positivismo lógico, a uns trinta ou quarenta anos atrás, os positivistas alegaram que a maioria das afirmações cristãs características – "Deus nos ama", por exemplo, ou "Deus criou os céus e a terra" – nem sequer têm o privilégio de serem falsas. Elas são, diziam os positivistas, literalmente sem sentido. Não é que elas expressem proposições falsas; elas não expressam nada. Como a famosa citação de "Alice no País das Maravilhas": "Era briluz. As lesmolisas touvas Roldavam e relviam nos gramilvos." Tais afirmações não dizem nada falso, mas somente porque não dizem nada, elas são "cognitivamente sem sentido", para usar a charmosa frase positivista. O tipo de coisa que teístas e outros têm dito por séculos, eles disseram, agora mostra-se sem sentido. Nós teístas fomos todos vítimas, parece, de um hoax cruel – perpetrado, talvez, por ambiciosos sacerdotes e imposto a nós por nossas próprias naturezas crédulas.

Agora se isso for verdadeiro, é de fato importante. Como os positivistas chegaram a esta surpreendente conclusão? Eles a inferiram a partir do Critério de Verificabilidade de Sentido, que diz, mais ou menos o seguinte, que uma afirmação tem sentido somente se for ou analítica, ou sua veracidade ou falsidade puder ser determinada por investigação empírica ou científica – pelos métodos das ciências empíricas. Sobre essas bases não somente o teísmo e a teologia, mas muito da metafísica e da filosofia tradicionais e muito mais foram declaradas sem sentido, sem sentido literal algum. Alguns positivistas reconheceram que a metafísica e a teologia, apesar de serem sem sentido, ainda têm um certo valor limitado. Carnap, por exemplo, achava que elas eram algum tipo de música. Não se sabe se ele esperava que a teologia e a metafísica se sobrepusessem a Bach ou Mozart, ou até Wagner. Eu, entretanto, penso que elas poderiam substituir o rock. Hegel poderia tomar o lugar dos The Talking Heads; Immanuel Kant poderia tomar o lugar dos Beach Boys; e no lugar do The Grateful Dead poderíamos ter, talvez, Arthur Schopenhauer.

O positivismo tinha um gostoso ar de ser *avant garde*, moderno, e muitos filósofos o acharam extremamente atrativo. Além do mais, muitos dos que não o endossaram ainda dialogaram com ele com muita hospitalidade como sendo, no mínimo, extremamente plausível. Como consequência muitos filósofos – tanto cristãos como não-cristãos – viram nisso um verdadeiro desafio e um grande perigo ao cristianismo: "O maior perigo ao teísmo hoje," disse J.J.C. Smart em 1955, "vem das pessoas que querem dizer que 'Deus existe' e 'Deus não existe' são afirmações igualmente absurdas". Em 1955, o livro New Essays in Philosophical Theology surgiu, um volume de ensaios que ditariam o tom e os tópicos da filosofia da religião para a próxima década ou até mais. E muito deste volume tratava da discussão sobre o impacto do verificacionismo no teísmo. Muitos cristãos inclinados filosoficamente ficaram perturbados e perplexos e se sentiram profundamente ameaçados. Poderia mesmo ser verdade que os filósofos linguistas, de alguma forma, descobriram que as mais caras convicções dos cristãos eram, na verdade, simplesmente sem sentido? Havia muita ansiedade entre os filósofos, tanto teístas quanto aqueles simpáticos ao teísmo. Alguns sugeriram, em face do violento ataque positivista, que a comunidade cristã deveria recolher suas armas e recuar silenciosamente, admitindo que o critério da verificabilidade provavelmente era verdadeiro. Outros afirmaram que o teísmo é mesmo nonsense, mas é um nonsense importante. Ainda outros sugeriram que as afirmações em questão deveriam ser reinterpretadas de tal maneira a não afrontar os positivistas; alguém sugeriu seriamente, por exemplo, que os cristãos usassem, então, a sentença "Deus existe" como significando "alguns homens e mulheres tiveram, e têm, experiências chamadas de 'encontro com Deus'", ele acrescentou que quando dizemos "Deus criou o mundo a partir do nada" o que deveríamos entender

é “tudo que chamamos de ‘material’ pode ser usado de tal maneira a contribuir com o bem-estar dos homens”. Em um contexto diferente, mas no mesmo espírito, Rudolf Bultmann iniciou seu projeto de demitologização do cristianismo. A tradicional crença cristã sobrenaturalista, disse ele, é “impossível na era da luz elétrica e redes sem-fio”. (Alguém poderia, talvez, imaginar um cético antigo tendo uma visão semelhante de, digamos, da imprensa, por exemplo, ou do papiro).

Por agora, é claro, o verificacionismo se retraiu à obscuridade que tanto merece, mas a moral continua. Essas tentativas de acomodar o positivismo foram totalmente inapropriadas. Eu entendo que olhar para o passado é mais claro do que para o futuro e eu não trouxe à tona este trecho da história intelectual recente para ser crítico de meus antepassados ou para alegar que somos mais espertos que nossos pais: o que eu quero mostrar é que podemos aprender algo desse incidente. Pois os filósofos cristãos deveriam ter adotado uma atitude diferente em relação ao positivismo e seu critério de verificabilidade. O que deveriam ter dito aos positivistas é “Seu critério está errado: pois tais afirmações como ‘Deus nos ama’ e ‘Deus criou os céus e a terra’ têm um sentido claro; então se não são verificáveis no seu sentido, então é falso que só afirmações verificáveis nesse sentido são válidas”. Era necessário aqui era menos acomodação à corrente vigente e mais autoconfiança cristã: o teísmo cristão é verdadeiro; se o teísmo cristão é verdadeiro, então o critério do verificacionismo é falso. Claro, se os verificacionistas tivessem dado argumentos convincentes para seu critério a partir de premissas aceitas pelos pensadores teístas ou cristãos, então talvez haveria um problema para o filósofo cristão. Então deveríamos ou concordar que o teísmo cristão é cognitivamente sem sentido, ou revisar ou rejeitar tais premissas. Mas os verificacionistas nunca apresentaram quaisquer argumentos convincentes. De fato, eles quase nem sequer apresentavam argumentos. Alguns simplesmente declaravam esse princípio como uma grande descoberta e, quando desafiados, repetiam-no em alto e bom som; mas por que isso deveria perturbar alguém? Outros propuseram isso como uma definição – uma definição do termo “sentido”. Agora é claro que os positivistas tinham o direito de usar este termo da maneira que escolheram; é um país livre. Mas como que a decisão deles de usar esse termo de uma maneira específica pode apresentar algo tão significativo como o fato de todos os crentes em Deus estarem iludidos? Se eu propuser o uso do termo “democrata” como tendo o significado de “um completo salafrário”, seguiria daí que os democratas deveriam se envergonhar? O meu ponto, para repetir, é que os filósofos cristãos deveriam mostrar mais integridade, mais independência, menos prontidão em abraçar os predominantes ventos de doutrinas filosóficas e mais autoconfiança cristã.

III.Teísmo e a Teoria do Conhecimento

Posso apenas dar meu segundo exemplo indiretamente. Muitos filósofos alegaram encontrar um sério problema para o teísmo na existência do mal, ou na quantidade e tipos de males que encontramos. Muitos que alegaram encontrar nisso um problema para os teístas mencionaram o argumento dedutivo do mal: eles alegaram que a existência de um Deus onipotente, onisciente e totalmente bom é logicamente incompatível com a presença do mal no mundo – uma presença, inclusive, afirmada e enfatizada pelos teístas cristãos. Por sua vez, os teístas argumentaram não haver nenhuma inconsistência aqui. Acredito que o consenso presente, até mesmo entre aqueles que usaram de algum tipo de argumento do mal, é que sua forma dedutiva é insatisfatória.

Mais recentemente, filósofos alegaram que a existência de Deus, apesar de talvez não ser inconsistente com a existência desta quantidade e tipos de males que encontramos no mundo é, de alguma forma, improvável em relação a isso. Isto é, a probabilidade de Deus existir tendo em vista o mal que encontramos, é menor do que a probabilidade, em relação a mesma evidência, de Deus não existir – nenhum criador onipotente, onisciente e totalmente bom. Assim a existência de Deus é improvável em relação àquilo que sabemos. Mas, então, se a crença teísta é improvável em relação àquilo que sabemos, segue-se que é irracional ou, pelo menos, está num nível intelectual inferior aceitá-la.

Agora examinemos essa alegação brevemente. O objetor afirma que:

1.Deus é um criador onipotente, onisciente e totalmente bom.

É improvável em relação a:

2. Existem 10E+13 turps de mal
(Onde turp é a unidade básica do mal).

Eu argumentei algures que existem grandes dificuldades em torno da alegação de que (1) é improvável dado que (2). Chame esta resposta de “resposta secundária”. Aqui eu quero seguir no que eu chamo de resposta primária. Suponhamos que nós estipulássemos, para propósitos argumentativos, que (1) é, de fato, improvável dado (2). Vamos concordar que é improvável, dado a existência de 10E+13 turps de mal, que o mundo tenha sido criado por um Deus que é perfeito em poder, conhecimento e bondade. O que deveria seguir daí? Como isso se torna uma objeção à crença teísta? Como se segue daí o argumento do objetor? Não se segue, é claro, que o teísmo seja falso. Também não segue que alguém que aceite tanto (1) quanto (2) (e vamos acrescentar, reconhece que (1) é improvável em relação a (2)) tenha um sistema de crenças irracional ou está, de alguma maneira, culpado de impropriedade noética; obviamente pode haver pares de proposições A e B, tais que conhecemos tanto A quanto B, apesar do fato de que A é improvável em relação a B. Eu posso saber, por exemplo, que Feike é um frísio e que 9 em cada 10 frísios não sabem nadar, e ainda assim Feike sabe nadar; então eu estou obviamente dentro dos meus direitos intelectuais em aceitar ambas proposições, mesmo sendo a última improvável em relação à primeira. Então mesmo se houvesse um fato de que (1) é improvável em relação a (2), esse fato, não traria muitas consequências. Como, então, esta objeção pode ser desenvolvida?

Presumivelmente o que o objetor quer afirmar é que (1) é improvável, não somente em relação a (2), mas em relação a todo um corpo de evidências – talvez toda evidência que o teísta tem, ou talvez o corpo de evidências que ele é racionalmente obrigado a ter. O objetor deve estar supondo que o teísta tem um relevante corpo de evidências aqui, um corpo de evidências que inclui (2); e sua alegação é que (1) é improvável em relação a este corpo de evidências. Suponhamos que disséssemos que T é o corpo de evidências de um certo

teísta T; e suponhamos que concordássemos que uma síntese é racionalmente aceitável para ele somente se não for improvável em relação a T. Agora que tipo de proposições devemos encontrar em T? Talvez as proposições que ele sabe serem verdadeiras, ou talvez o maior conjunto de crenças que ele pode aceitar sem evidências de outras proposições, ou talvez as proposições que ele conhece imediatamente – conhece, mas não conhece sobre as bases de outras proposições. Seja como for que caracterizemos esse conjunto T, a questão que proponho é esta: por que não pode a própria crença em Deus ser membro de T? Talvez o teísta tenha um direito de iniciar a partir da crença em Deus, tomando esta proposição como uma das que em relação a esta determina a propriedade racional de outras crenças que ele tenha. Mas se for assim, então o filósofo cristão está totalmente dentro de seus direitos ao começar a filosofar a partir de sua crença. Ele tem o direito de tomar a existência de Deus como pressuposto e começar o seu labor filosófico a partir daí – assim como outros filósofos têm o direito tomar por pressuposto a existência do passado ou, digamos, de outras pessoas, ou as alegações básicas da física contemporânea. E isso me leva ao meu ponto aqui. Muitos filósofos cristãos parecem pensar de si mesmos como filósofos engajados junto dos filósofos ateus e agnósticos numa busca comum pela correta posição filosófica quanto à questão de se há tal pessoa como Deus. É claro que o filósofo cristão terá suas próprias convicções privadas neste ponto; ele acreditará, é claro, que há de fato tal pessoa como Deus. Mas ele pensará, ou tenderá a pensar, que como filósofo ele não tem direito a esta posição a menos que esteja apto a mostrar que esta crença segue de, ou é provável, ou justificada em relação a premissas aceitas por todos os partidos envolvidos na discussão – teístas, agnósticos ou ateístas. Além do mais, ele estará propenso a pensar que não tem direitos, como filósofo, a posições que pressupõem a existência de Deus se ele não puder demonstrar que essa crença é justificada de outras maneiras. O que eu quero argumentar é que a comunidade filosófica cristã não deve pensar de si mesma como engajada nesse esforço comum em determinar a probabilidade ou a plausibilidade filosófica da crença em Deus. O filósofo cristão muito apropriadamente começa a partir da crença em Deus, e a pressupõe em seu labor filosófico, sendo ou não capaz de demonstrá-la como provável ou plausível em relação às premissas aceitas por todos os filósofos, ou a maioria dos filósofos nos grandes centros filosóficos contemporâneos.

Tomando como pressuposto, por exemplo, que há tal pessoa como Deus e que nós estamos, de fato, dentro de nossos direitos epistêmicos (sendo justificados nesse sentido) em acreditar que há um Deus, o epistemólogo cristão pode perguntar o que é que confere justificação a crença: em virtude de que está o teísta justificado? Talvez haja diversas respostas possíveis. Uma das que ele pode apresentar é a de João Calvino (e, antes dele, da tradição Agostiniana, Anselmiana, Boaventuriana da Idade Média). Deus, disse Calvino, incutiu no ser humano uma tendência, uma propensão, ou uma disposição a acreditarem nele:

"*Está fora de discussão que é inerente à mente humana, certamente por instinto natural, algum sentimento da divindade. A fim de que ninguém recorra ao pretexto da ignorância. Deus incutiu em todos uma certa compreensão de sua deidade… Então, de tal perspectiva, desde o começo do mundo, nenhuma cidade, nenhuma casa existiria que pudesse carecer de religião. Nisso há uma tácita confissão: está inscrito no coração de todos um sentimento de divindade*".
[2]

A alegação de Calvino, então, é que Deus nos criou de tal forma que tivéssemos por natureza uma forte tendência ou inclinação ou disposição em direção à crença nele.

Apesar de esta disposição a acreditar em Deus ter sido, em parte, suprimida pelo pecado, ainda assim está universalmente presente. E é disparada por condições amplamente compreendidas:

Para que ninguém, então, seja excluído do acesso à felicidade, ele não só plantou na mente do homem a semente da religião da qual já falamos, mas se revela diariamente na construção do universo. Como consequência o homem não pode abrir seus olhos sem ser compelido a vê-lo.

Como Kant, Calvino ficou impressionado com essa conexão, pela admirável estrutura dos estrelados céus acima:

Mesmo o povo mais comum e o menos instruído, que foram ensinados apenas por seus próprios olhos, não podem deixar de perceber a excelência da arte divina, pois esta se revela em sua inumerável e ainda distinta e ordenada variedade.

O que Calvino diz sugere que alguém que adere a esta tendência e nessas circunstâncias aceita a crença de que Deus criou o mundo – talvez ao observar o céu estrelado, ou a esplêndida majestade das montanhas, ou a beleza complexa e articulada de uma pequena flor – está tão racional e justificado quanto alguém que acredita ver uma árvore por ter o tipo de experiência visual que nos sugere estarmos vendo uma árvore.

Sem dúvida, essa sugestão não convenceria o cético; tomada como uma tentativa de convencer o cético ela é circular. Meu ponto é somente este: o cristão tem suas próprias perguntas para responder, e seus próprios projetos; esses projetos podem não se entrosar com aqueles dos filósofos céticos ou descrentes. Ele tem suas próprias questões e seu próprio ponto de partida ao investigar tais questões. É claro, eu não quero sugerir que o filósofo cristão deve aceitar a resposta de Calvino à questão mencionada acima, mas eu digo que é perfeitamente apropriado para ele dar a essa questão uma resposta que pressupõe precisamente aquilo do que o cético é cético – mesmo se esse ceticismo for quase unânime na maioria dos prestigiados departamentos de filosofia de nossos dias. O filósofo cristão, de fato, tem uma responsabilidade para com o mundo filosófico, mas sua responsabilidade fundamental é com a comunidade cristã, e finalmente com Deus.

Novamente, o filósofo cristão pode estar interessado na relação entre fé e razão, entre fé e conhecimento. Concedido que afirmamos algumas coisas por fé e sabemos outras coisas: concedido que creiamos que há tal pessoa como Deus e que a crença teísta é verdadeira; nós também sabemos que Deus existe? Aceitamos tal crença por fé ou razão? O teísta pode estar inclinado em direção a uma teoria do conhecimento confiabilista; ele pode estar inclinado a pensar que uma crença verdadeira constitui conhecimento se for produzida por um mecanismo produtor de crenças confiável. (Há problemas difíceis aqui, mas ignoremo-los por enquanto). Se o teísta acha que Deus nos criou com o *sensus divinitatis* de que Calvino fala, ele vai afirmar que, de fato, há um mecanismo produtor de crenças confiável que produz a crença teísta; ele, então, afirmará que sabemos que Deus existe. Alguém que siga Calvino vai afirmar também que a capacidade de compreender a

existência de Deus é parte do nosso equipamento intelectual ou noético como é a capacidade de compreender verdades de lógica, verdades perceptivas, verdades sobre o passado, e verdades sobre outras mentes. A crença na existência de Deus está, então, no mesmo barco que estão as crenças nas verdades da lógica, outras mentes, o passado, objetos perceptivos; em cada caso, Deus nos construiu de tal forma que nas circunstâncias corretas adquirimos a crença em questão. Mas então a crença de que há um Deus está entre as sentenças de nossas faculdades noéticas naturais assim como estão aquelas outras crenças. Assim nós sabemos que há tal pessoa como Deus, e não somente cremos nisso; e não é por fé que compreendemos a existência de Deus, mas pela razão; e isso independente do sucesso de qualquer argumento teísta clássico.

Meu ponto não é que o filósofo cristão deva seguir Calvino. Meu ponto é que o filósofo cristão tem um direito (eu diria um dever) de trabalhar nos seus próprios projetos – projetos definidos pelas crenças da comunidade cristã da qual ele é parte. A comunidade filosófica cristã deve trabalhar as respostas às suas questões; e tanto as questões como a maneira apropriada de desenvolver as respostas pode pressupor as crenças rejeitadas pelos principais centros filosóficos. Mas o cristão está procedendo muito apropriadamente ao começar a partir destas crenças, mesmo se forem rejeitadas. Ele não está sob nenhuma obrigação de confinar seus projetos de pesquisa àqueles exercidos naqueles centros, ou de exercer seus projetos sob as hipóteses que prevalecem lá.

Talvez eu possa explicar melhor o que eu quero dizer contrastando com uma visão totalmente diferente. De acordo com o teólogo David Tracy:

De fato, o teólogo cristão moderno não pode eticamente fazer nada além de desafiar o tradicional autoentendimento do teólogo. Ele não mais vê seu trabalho como uma simples defesa ou até mesmo uma reinterpretação ortodoxa da crença tradicional. Ao invés, ele acha que seu comprometimento ético à moralidade do conhecimento científico o força a assumir uma postura crítica em relação às suas próprias crenças tradicionais… Em princípio, a lealdade fundamental do teólogo como teólogo é à moralidade do conhecimento científico compartilhada com seus colegas, os filósofos, historiadores e demais ciências sociais. Eles não podem mais assumir suas próprias crenças ou tradições como garantias para seus argumentos. De fato, em toda empreitada teológica apropriada, a análise deveria ser caracterizada por aquelas mesmas posturas éticas do julgamento autônomo, julgamento crítico e o apropriado ceticismo que caracteriza as análises em outras áreas. [3]

Além do mais, essa "moralidade do conhecimento científico insiste que cada pesquisador inicie com os métodos e conhecimento do campo em questão, a menos que alguém tenha evidências do mesmo tipo lógico para rejeitar esses métodos e esse conhecimento". Mais ainda, "para a nova moralidade científica, a lealdade fundamental de alguém como analista de qualquer e todas alegações cognitivas é somente a esses procedimentos metodológicos que a comunidade científica em questão desenvolveu." (6).

Eu digo *caveat lector*: Estou pronto para apostar que essa "nova moralidade científica" é como o Sacro Império Romano: não é nem nova nem científica nem moralmente obrigatória. Além do mais, a "nova moralidade científica" me parece tremendamente desfavorável como postura para um teólogo cristão, moderno ou não. Mesmo se houvesse um conjunto de procedimentos metodológicos defendidos pela maioria dos filósofos, historiadores e cientistas sociais, ou a maioria dos filósofos, historiadores e cientistas sociais seculares, por que deveria o teólogo cristão ser leal a esse conjunto ao invés de, digamos, a Deus, ou às verdades fundamentais do cristianismo? A sugestão de Tracy sobre como os teólogos cristãos devem proceder parece pouco prometedora. É claro que sou somente um filósofo, não um teólogo moderno; sem dúvida estou me aventurando para além dos meus domínios. Portanto, não pretendo falar para teólogos modernos; mas, ainda assim, as coisas valem para eles, o filósofo cristão moderno tem um direito, como filósofo, de começar a partir de sua crença em Deus. Ele tem o direito de assumi-la, pressupô-la em seu labor filosófico – independentemente de poder convencer seus colegas descrentes de que essa crença é verdadeira ou corroborada por aqueles "procedimentos metodológicos" que Tracy menciona.

E a comunidade filosófica cristã deve se preocupar com as questões filosóficas importantes para a comunidade cristã. Deve seguir com o projeto de explorar e desenvolver as implicações do teísmo cristão para todo tipo de questões que os filósofos fazem e respondem. Deve fazer isso independente de poder convencer a maioria da comunidade filosófica de que há de fato um Deus, ou de que é racional ou razoável acreditar que há. Talvez o filósofo cristão possa convencer o filósofo cético ou descrente de que há um Deus. Talvez seja possível em alguns casos. Em outros casos, é claro, pode ser impossível, mesmo se o cético aceitar premissas a partir das quais a crença cristã se segue por argumentos que ele também aceita, ele pode, quando ciente desta situação, desistir de tais premissas ao invés de sua descrença (Dessa maneira é possível reduzir alguém do conhecimento à ignorância apresentando um argumento que ele creia ser válido a partir de premissas que ele saiba serem verdadeiras).

Mas sendo isso possível ou não, o filósofo cristão tem outras questões com as quais se preocupar. É claro que ele deve ouvir, entender, e aprender da comunidade filosófica e ele deve assumir seu lugar lá, mas seu trabalho como filósofo não está restrito ao que o cético ou o resto do mundo filosófico acha do teísmo. Justificar ou tentar justificar a crença teísta para a comunidade filosófica não é a única tarefa da comunidade filosófica cristã; talvez não esteja nem entre suas tarefas mais importantes. A filosofia é uma empreitada comunitária. O filósofo cristão que observa exclusivamente o mundo filosófico externo à comunidade cristã, que pensa de si mesmo como pertencente primariamente àquele mundo, corre um risco duplo. Ele pode vir a negligenciar uma parte essencial de sua tarefa como filósofo cristão; e pode vir a se encontrar usando príncipios e procedimentos que não se encaixam bem com suas crenças como cristão. O que é preciso, mais uma vez, é autonomia e integralidade.

Meu terceiro exemplo tem a ver com antropologia filosófica. Como deveríamos pensar sobre as pessoas humanas? Que tipo de coisa, fundamentalmente, são as pessoas? O que é ser uma pessoa, o que é ser uma pessoa humana, e como deveríamos pensar a pessoalidade? Como, em particular, os cristãos, filósofos cristãos, deveriam pensar sobre tais coisas? O primeiro ponto a notar é que na visão cristã, Deus é a pessoa principal, o primeiro e exemplar-chefe de pessoalidade. Deus, além do mais, criou o homem à sua imagem; nós, homens e mulheres, somos portadores da imagem de Deus. E as propriedades mais importantes

para o entendimento de nossa pessoalidade são as propriedades que compartilhamos com ele. O que pensamos sobre Deus, então, terá um efeito imediato e direto na maneira como vemos a raça humana. É claro que aprendemos muito sobre nós mesmos por outras fontes – da observação diária, por exemplo, da introspecção e auto-observação, da investigação científica e assim por diante. Mas é também perfeitamente apropriado começar a partir daquilo que sabemos como cristãos. Não é o caso que a racionalidade, ou o método filosófico apropriado, ou a responsabilidade intelectual, ou a nova moralidade científica, ou qualquer coisa, requeiram que comecemos a partir de crenças compartilhadas com todo mundo – o que o senso comum e a ciência corrente ensinam, e.g. – para arrazoar ou justificarmos as crenças que temos como cristãos. Ao tentarmos prover um relato filosófico satisfatório de alguma área ou fenômeno, podemos apropriadamente apelar, no nosso relato ou explanação, a qualquer coisa que já cremos racionalmente – seja isso a ciência corrente ou a doutrina cristã.

Deixe-me prosseguir novamente para exemplos específicos. Há uma linha divisória fundamental, na filosofia antropológica, entre aqueles que veem o ser humano como livre – livre no sentido libertário (livre -arbitrío) – e aqueles que aderem ao determinismo. De acordo com os deterministas, toda ação humana é uma consequência de condições iniciais que fogem ao nosso controle por leis causais que também fogem ao nosso controle. Algumas vezes, por trás dessa alegação, há uma retratação do universo como uma enorme máquina onde todos os eventos, em nível macroscópico, incluindo as ações humanas, são determinados por eventos prévios e por leis causais. Nessa visão, toda ação que eu realizei aconteceu de tal forma que não estava sob meu controle refreá-la.; e se, numa dada ocasião eu não realizei uma determinada ação, então não estava sob meu controle realizá-la. Se eu levantar meu braço, então, na visão em questão, não estava sob meu controle não levantá-lo. O pensador cristão tem uma posição nessa controvérsia pelo simples fato de ser cristão. Já que ele acreditará que Deus nos vê como responsáveis por muito do que fazemos – responsáveis e também apropriadamente sujeitos a louvor ou culpa, aprovação ou desaprovação. Mas como eu posso ser responsável pelas minhas ações, se não estava sob meu controle realizar qualquer ação que de fato eu não realizei, e também não estava sob meu controle refrear qualquer coisa que eu realizei? Se minhas ações são determinadas assim, então não posso ser responsabilizado por elas; mas Deus não faz nada impróprio ou injusto, e ele me vê como responsável pelas minhas ações; assim não é o caso que todas minhas ações são determinadas. O cristão tem uma razão inicial forte para rejeitar a alegação de que todas nossas ações são causalmente determinadas – uma razão muito mais forte do que os argumentos escassos e anêmicos que o determinista pode reunir do outro lado. É claro que se houvesse fortes argumentos do outro lado, então haveria um problema aqui. Mas não há, portanto não há problema algum.

O determinista pode responder que a liberdade e o determinismo causal são, contrariando aparências iniciais, de fato compatíveis. Ele pode argumentar que ser livre em relação a uma ação realizada no tempo *t* por exemplo, não implica dizer que não estava sob meu controle refreá-la, mas somente algo mais fraco – talvez algo como se eu tivesse escolhido não realizá-la, eu não a teria realizado. De fato, o compatibilista vai além. Ele vai afirmar, não somente que a liberdade é compatível com o determinismo, mas que a liberdade requer o determinismo. Ele vai afirmar, assim como Hume, que a proposição S é livre em relação a uma ação A ou que S faz A livremente implica que S é causalmente determinado em relação a A – que há leis causais e condições antecedentes que juntas implicam tanto que S realize A ou que S não realize A. Ele manterá a alegação insistindo que se S não é assim determinada em relação a A, então é simplesmente uma questão de acaso – que se deve, talvez, aos efeitos quantum no cérebro de S – que S realiza A . Mas se é só uma questão de acaso S realizar A então ou S não realiza A, ou S não é responsável por realizar A. Se S realizar A é só uma questão de acaso, então S realizar A é algo que simplesmente acontece a S; mas não é realmente o caso de que S realize A – de qualquer forma não é o caso que S seja responsável por realizar A. E assim a liberdade, no sentido que é requerido para a responsabilidade, requer o determinismo.

Mas o pensador cristão vai achar essa alegação incrivelmente implausível. Presumivelmente o determinista quer dizer que o que ele diz caracteriza ações gerais, não somente aquelas dos seres humanos. Ele vai assegurar que é uma verdade necessária, que se um agente não é levado a realizar uma ação então é simplesmente obra do acaso que o agente em questão realize esta ação. De uma perspectiva cristã, entretanto, isso é muito incrível. Já que Deus realiza ações, e realiza ações livremente; e certamente não é o caso de que há leis causais e condições antecedentes fora de Seu controle que determinem o que Ele faz. Pelo contrário: Deus é o autor das leis causais que existem; de fato, talvez a melhor maneira de pensar essas leis causais é como registros das maneiras que Deus trata normalmente as criaturas que ele criou. Mas é claro que não é simplesmente obra do acaso Deus fazer o que faz – criar e sustentar o mundo, digamos, e oferecer redenção e renovo para seus filhos. Então o filósofo cristão tem uma ótima razão para rejeitar essa premissa, junto com o determinismo e o compatibilismo que ela suporta.

O que está realmente em questão nessa discussão é a noção de agente causal: a noção de uma pessoa como fonte última de uma ação. De acordo com os partidários do agente causal, alguns eventos são causados, não por outros eventos, mas por substâncias, objetos – tipicamente agentes pessoais. E pelo menos desde a época de David Hume, a ideia de agente causal tem se enfraquecido. É justo dizer, eu acho, que a maioria dos filósofos cristãos que trabalham nesta área rejeitam o agente causal completamente ou suspeitam dessa ideia. Eles veem a causação como uma relação entre eventos; eles conseguem entender como um evento causa outro evento, ou como eventos de um tipo podem causar eventos de outro tipo. Mas a ideia de uma pessoa, digamos, causando um evento, lhes parece ininteligível, a menos que possa ser analisada, de alguma forma, em termos de evento causal. É essa devoção ao evento causal, é claro, que explica a alegação de que se você realiza uma ação mas não é causado, então sua realização da ação é obra do acaso. Pois se eu afirmar que toda causação é ultimamente um evento causal, então vou supor que se você realiza uma ação mas não é causado por eventos prévios, então sua realização da ação não é causada e é, portanto, obra do acaso.

O devoto do evento causal, além do mais, vai argumentar, talvez, da seguinte maneira: se tais agentes como pessoas causam efeitos que acontecem no mundo físico – o movimento do meu corpo de uma certa maneira, por exemplo – então esses efeitos devem ser causados ultimamente por volições ou empreendimentos – os quais, aparentemente, são eventos imateriais e não-físicos. Ele alegará, então, que a ideia de um evento imaterial ter eficácia causal no mundo físico é enigmática, ou dúbia ou pior.

Mas o filósofo cristão achará esse argumento pouco expressivo e sua devoção ao evento causal incompatível. O cristão já acredita que os atos de volição têm eficácia causal; ele acredita de fato, que o universo físico deve sua própria existência a tais atos volitivos – A vontade de Deus de criá-lo. E quanto à devoção ao evento causal, o cristão estará, inicialmente, fortemente inclinado a rejeitar a ideia de que evento causal é primário e o agente causal deve ser explicado em relação a isso. Pois ele acredita que Deus faz e fez muitas coisas: ele criou o mundo; ele o sustenta; ele se comunica com seus filhos. Mas é extraordinariamente difícil ver como tais verdades podem ser analisadas em termos de relações causais entre eventos. Que eventos poderiam fazer Deus criar o mundo? O próprio Deus institui ou estabelece as leis causais que existem; como, então, podemos ver todos os eventos feitos por sua ação como relacionados a leis causais anteriores? Como poderíamos explicar em termos de evento causal proposições que atribuem ações a ele?

Alguns pensadores teístas notaram este problema e reagiram diminuindo a atividade causal de Deus, ou seguindo impetuosamente Kant ao declarar que isso é de uma esfera totalmente diferente da qual nós estamos engajados, uma esfera além da nossa compreensão. Eu acredito que essa resposta é errada. Por que um filósofo cristão deveria se juntar à reverência geral ao evento causal? Não é que haja argumentos convincentes aqui. A verdadeira força por trás desta alegação é uma certa maneira filosófica de ver as pessoas e o mundo; mas esta visão não tem nenhuma plausibilidade inicial do ponto de vista cristão e não tem nenhum argumento convincente em seu favor.

Então, nestes pontos controversos da antropologia filosófica, o teísta terá uma forte predileção inicial para resolver a disputa de um jeito ao invés de outro. Ele tenderá a rejeitar o compatibilismo, e afirmar que o evento causal (se houver tal coisa) deve ser explicado em termos de agente causal, a rejeitar a ideia de que se um evento não é causado por outros eventos, então sua ocorrência é questão de acaso, e rejeitar a ideia de que eventos no mundo físico não podem ser causados pela deliberação de um agente. E o meu ponto aqui é esse: o filósofo cristão está dentro de seus direitos ao afirmar tais posições, podendo ou não convencer o resto do mundo filosófico e seja lá qual for o consenso filosófico corrente, se houver um consenso. Mas esse apelo a Deus e suas propriedades, nesse contexto filosófico, não seria um vergonhoso apelo a um deus ex machina? Certamente que não. "A filosofia", como Hegel uma vez disse num raro lance de lucidez, "é pensar sobre as coisas". A filosofia é, em grande parte, uma clarificação, sistematização, articulação, relacionamento e aprofundamento de uma opinião pré-filosófica. Nós vamos à filosofia com muitas opiniões sobre o mundo e a natureza humana e o lugar deste naquele; e na filosofia nós pensamos sobre esses assuntos, articulamos sistematicamente nossas visões, juntamos e relacionamos nossas visões sobre diversos tópicos, e aprofundamos nossas visões ao encontrarmos interconexões não esperadas e descobrindo resposta a questões ainda não formuladas. É claro que podemos mudar nosso pensamento em virtude da empreitada filosófica; podemos descobrir incompatibilidades ou outras infelicidades. Mas vamos à filosofia com opiniões pré-filosóficas; é assim que acontece. E o ponto em questão é: o cristão tem tanto direito às suas opiniões pré-filosóficas quanto os outros tem às deles. Ele não precisa 'prová-las' a partir de proposições aceitas por, digamos, a grande parte da comunidade filosófica não-cristã; e se forem rejeitadas como ingênuas, pré-científicas, primitivas, ou indignas de "homens eruditos", não há nada contra elas. É claro que se houvesse argumentos genuínos e substanciais contra elas a partir de premissas legítimas para o filósofo cristão, então haveria um problema; ele deveria mudar algo. Mas na ausência de tais argumentos – e a ausência de tais argumentos é evidente – a comunidade filosófica cristã, começa apropriadamente, na filosofia, a partir daquilo que ela acredita.

Isso significa que a comunidade filosófica cristã não precisa dedicar todos seus esforços à tentativa de refutar alegações opostas e argumentos a partir de outras premissas; premissas aceitas pela comunidade filosófica não-cristã. Ela deve fazer isso, de fato, mas deve fazer mais. Pois se ela fizer somente isso, negligenciará uma importante tarefa filosófica: sistematizar, aprofundar e clarificar o pensamento cristão sobre esses tópicos. Então, novamente: meu apelo é para que o filósofo cristão, a comunidade filosófica cristã, demonstre, primeiro, mais independência e autonomia: não precisamos trabalhar somente em projetos de pesquisa aceitos e trabalhados pela popularidade; temos nossas próprias questões para refletirmos. Segundo, devemos demonstrar mais integridade. Não podemos assimilar automaticamente o que é corrente ou está na "moda" ou é popular no procedimento e opinião filosófica; pois muito disso é nocivo ao pensamento cristão. E finalmente, devemos demonstrar mais auto-confiança cristã, ou coragem ou ousadia. Temos perfeito direito às nossas visões pré-filosóficas: por que, então, deveríamos nos intimidar pelo que o resto do mundo filosófico acha que é plausível ou implausível?

Esses são meus exemplos; eu poderia ter escolhido outros. Em ética, por exemplo: talvez o principal interesse teorético, da perspectiva cristã, é a questão sobre como o certo e o errado, o bom e o mal, o dever, a permissão e a obrigação se relacionam com Deus e sua vontade e sua atividade criativa? Essa pergunta não surge, naturalmente, de uma perspectiva não-teísta; e então, naturalmente, eticistas não-cristãos não tratam dela. Mas talvez seja a questão mais importante para um eticista cristão trabalhar. Eu já falei sobre epistemologia; deixe-me mencionar outro exemplo desta área. Epistemólogos, às vezes, se preocupam com a abundância ou falta de justificação epistêmica, por um lado, e verdade ou confiabilidade, do outro. Suponhamos que fizéssemos o máximo que se espera de nós, falando noeticamente; suponhamos que fizéssemos nossos deveres intelectuais e satisfizéssemos nossas obrigações intelectuais: que garantia haveria de que ao fazermos isso chegaríamos à verdade? Há alguma razão para supor que se satisfizéssemos nossas obrigações, teríamos uma melhor chance de nos aproximar da verdade do que se as desprezássemos? E de onde vêm essas obrigações intelectuais? Como as adquirimos? Aqui o teísta tem, se não um claro conjunto de respostas, pelo menos claras sugestões em direção de um conjunto de respostas. Outro exemplo: o antirrealismo criativo está popular entre os filósofos; essa é a visão que afirma que é o comportamento humano – em particular, o pensamento e a linguagem humanas – o responsável pelas estruturas fundamentais do mundo e pelos tipos fundamentais de entidades que existem. De um ponto de vista teísta, entretanto, o antirrealismo criativo universal é no máximo uma mera impertinência, uma fanfarronice risível. Pois Deus, é claro, não deve sua existência nem suas propriedades a nós e nossas maneiras de pensar; a verdade é o contrário. Apesar de o universo, de fato, dever sua existência a atividade de uma pessoa, tal pessoa não é, certamente, uma pessoa humana.

Um exemplo final, dessa vez oriundo da filosofia da matemática. Muitos que pensam sobre conjuntos e sua natureza tendem a aceitar as seguintes ideias. Primeira, nenhum conjunto é membro de si mesmo. Segunda, ao passo que uma propriedade tem sua extensão contigentemente, um conjunto tem sua filiação (*membership*) essencialmente. Isso significa que nenhum conjunto poderia existir se um de seus membros não existisse, e que nenhum conjunto poderia ter menos ou mais membros do que aqueles que de fato tem. Isso significa, além do mais, que conjuntos são seres contingentes; se Ronald Reagan não existisse, então seu conjunto não teria existido. E terceira, conjuntos formam um certo tipo de estrutura repetida: no primeiro nível há conjuntos cujos membros são não-conjuntos, no segundo nível há conjuntos cujos membros são não-conjuntos ou conjuntos de primeiro nível; no terceiro nível há conjuntos cujos membros são não-conjuntos ou conjuntos dos primeiros dois níveis, e por aí vai. Muitos também tendem, junto a George Cantor, a considerar conjuntos como coleções – como objetos cuja existência é dependente sobre um certo tipo de atividade intelectual – uma coleção ou "pensamento conjunto" como Cantor colocou. Se os conjuntos fossem coleções deste tipo, isso explicaria sua demonstração das três características que eu mencionei. Mas se a coleção ou pensamento conjunto tivesse que ser feito por pensadores humanos, ou por qualquer pensador finito, não haveria conjuntos suficientes – nem perto da quantidade que pensamos haver. De um ponto de vista teísta, a conclusão natural é que conjuntos devem sua existência ao pensamento de Deus. A explicação natural dessas três características é simplesmente que conjuntos são, de fato, coleções – coleções colecionadas por Deus; elas são ou resultam do pensamento de Deus. Essa ideia pode não ser popular nos centros contemporâneos de teoria dos conjuntos, mas não é nem aqui nem lá. Cristãos, teístas, devem entender os conjuntos de uma perspectiva cristã e teísta. O que eles creem como teístas proporciona um recurso para entender conjuntos que não está disponível ao não-teísta; e por que eles não deveriam utilizar esse recurso? Talvez aqui nós poderíamos proceder sem apelar àquilo que cremos como teístas; mas por que deveríamos, se tais crenças são úteis e explanatórias? Eu poderia provavelmente chegar em casa hoje pulando numa perna só; e talvez pudesse escalar a Torre do Diabo com meus pés atados. Mas por que eu iria querer isso?

O filósofo cristão ou teísta, então, tem sua própria maneira de trabalhar. Em alguns casos existem alguns itens em sua agenda – itens importantes – não encontrados na agenda da comunidade filosófica não-teísta. Em outros casos, itens em alta na comunidade filosófica podem parecer de pouca importância de uma perspectiva cristã. Em ainda outros, o teísta rejeitará hipóteses e visões comuns sobre como iniciar, como proceder, e o que constitui uma resposta boa ou satisfatória. Em ainda outros casos o cristão vai presumir e vai começar a partir de hipóteses ou premissas rejeitadas pela maior parte da comunidade filosófica. É claro que eu não estou sugerindo que os filósofos cristãos não têm nada a aprender de seus colegas não-cristãos ou não-teístas; isso seria arrogância tola, e totalmente rechaçada pelos fatos. Nem estou sugerindo que o filósofo cristão deveria se retrair em isolamento, tendo pouco a ver com os filósofos não teístas. É claro que não! Os cristãos têm muito a aprender, inclusive dialogando e discutindo com seus colegas não-teístas. Filósofos cristãos devem estar intimamente envolvidos na vida profissional da comunidade filosófica, tanto por causa do que ele pode aprender como por causa daquilo com o que ele pode contribuir. Além do mais, enquanto os filósofos cristãos não precisam e não devem se ver como envolvidos, por exemplo, no esforço comum em determinar se há ou não uma pessoa como Deus, estamos nós, tanto teístas quanto não-teístas, engajados no projeto humano de entender a nós e o mundo no qual nos encontramos. Se a comunidade filosófica cristã está fazendo seu trabalho apropriadamente, estará engajada numa discussão complicada e dialética multifacetada, fazendo sua própria contribuição a esse projeto humano comum. A comunidade deve prestar cuidadosa atenção a outras contribuições; deve buscar um profundo entendimento delas; deve aprender o que puder delas e deve levar a descrença com bastante seriedade.

Tudo isso é verdadeiro e importante; mas nada disso vai de encontro ao que eu tenho dito. A filosofia é muitas coisas. Eu disse antes que é uma questão de sistematizar, desenvolver e aprofundar as opiniões pré-filosóficas. É isso, mas também é uma arena para articulação e intercâmbio de compromissos e lealdades fundamentalmente religiosas por natureza; é uma expressão de perspectivas profundas e fundamentais, maneiras de ver a nós mesmos, o mundo e Deus. Entre seus mais importantes projetos estão a sistematização, aprofundamento, a exploração e a articulação dessa perspectiva, e explorar suas implicações no resto do que pensamos e fazemos. Mas então a comunidade filosófica cristã tem sua própria agenda; ela não precisa e não deve automaticamente tomar seus projetos da lista daqueles projetos favoritos nos centros filosóficos contemporâneos de ponta. Além do mais, os filósofos cristãos devem estar cautelosos quanto a assimilar ou aceitar procedimentos e ideias filosóficas populares; pois muitas delas têm raízes profundamente anti-cristãs. E finalmente a comunidade filosófica cristã tem um direito às suas perspectivas; ela não está sob nenhuma obrigação de mostrar que tais perspectivas são plausíveis em relação àquilo que é tomado como verdade por todos filósofos, ou a maioria dos filósofos, ou os prominentes filósofos de nossos dias.

Em resumo, nós que somos cristãos e nos propomos a ser filósofos, não devemos nos contentar em sermos filósofos que, por acaso, são cristãos. Devemos nos esforçar em sermos filósofos cristãos. Nós devemos, portanto, prosseguir com nossos projetos com integridade, independência, e ousadia cristã.[4]

****

Este texto compõe a série de artigos da ABC²-Humanidades "Diálogo e antítese: textos fundamentais em religião e ciências humanas" que está à disposição em nosso site.

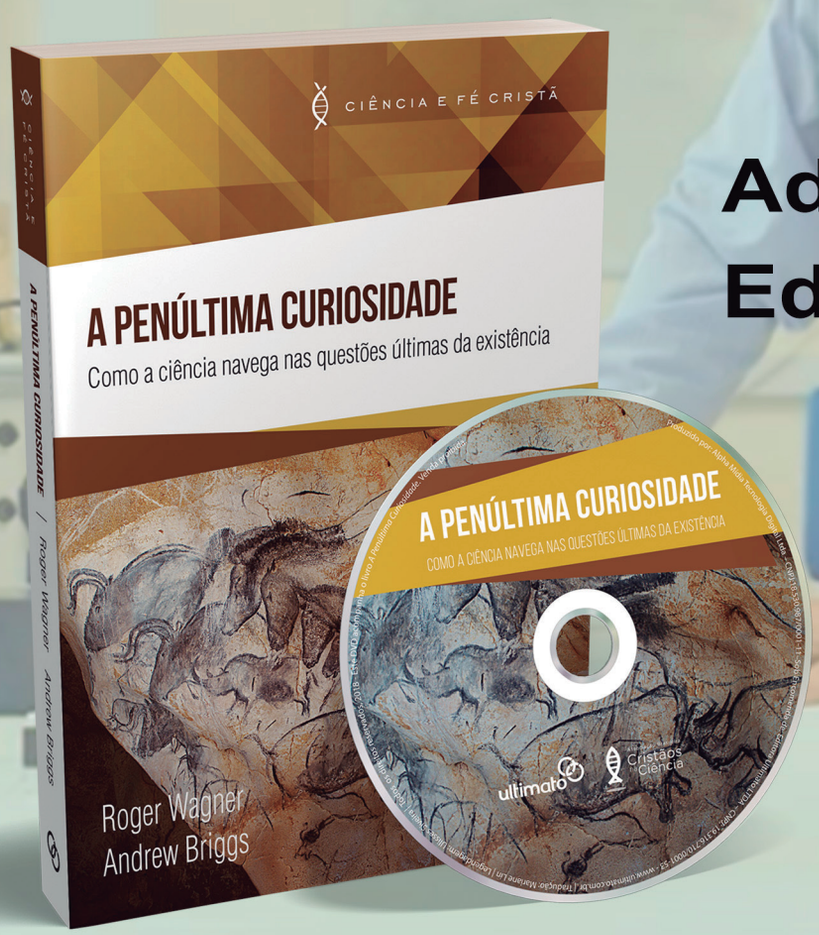
****

NOTAS

1. "The Probabilistic Argument from Evil," Philosophical Studies, 1979, pp. 1-53.
2. A Instituição da Religião Cristã (UNESP, 2007). Livro. 1, Cap. III, pp. 43-44.
3. Blessed Rage for Order (New York: Seabury Press), 1978, p. 7.
4. Proferido em 04 de Novembro de 1983, como o discurso inaugural do autor como Professor John A. O'Brien de Filosofia na Universidade de Notre Dame.

CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ

A NECESSIDADE DE COMPREENDER E DAR SENTIDO AO MUNDO É O QUE PODEMOS CHAMAR DE "CURIOSIDADE ÚLTIMA". TAL CURIOSIDADE MOLDOU E MOTIVOU O INTERESSE CIENTÍFICO, QUE PODERIA, PORTANTO, SER DESCRITO COMO A "PENÚLTIMA CURIOSIDADE". ESTE LIVRO APRESENTA, POR MEIO DO TEXTO E DE ILUSTRAÇÕES, COMO A CURIOSIDADE HUMANA TEM LUTADO PARA ENTENDER O UNIVERSO E AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO AO LONGO DOS SÉCULOS: A ÚLTIMA E A PENÚLTIMA CURIOSIDADES.



Adquira na Editora Ultimato.